

BIDDANZA E ANÁLISE TRANSACIONAL

Dois elementos para um breve memorial

Silvério Augusto Moura Soares de Souza

**Biodanza e Análise Transacional:
dois elementos para um breve memorial**

Silvério Augusto Moura Soares de Souza

**Biodanza e Análise Transacional:
dois elementos para um breve memorial**



Copyright © Silvério Augusto Moura Soares de Souza

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Silvério Augusto Moura Soares de Souza

Biodanza e Análise Transacional: dois elementos para um breve memorial.
São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 85p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-0492-5 [Digital]

1. Biodanza. 2. Análise transacional. 3. Memorial. I. Título.

CDD – 370

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2023

SUMÁRIO

NOTAS INTRODUTÓRIAS	7
1. CONSTRUÇÃO DE UMA TEORIA A PARTIR DE DADOS EMPÍRICOS: ANÁLISE TRANSACIONAL	17
1.1 Intuição e a construção empírica dos Estados de Ego	19
1.1.1 Acerca da natureza da intuição	20
1.1.2 Elementos da interação social	24
1.1.3 Estados de Ego, um caso ilustrativo	27
1.2 Breve análise: da Estrutura, da Função, das Transações, dos Jogos e dos Argumentos	32
2. BIODANZA: A POÉTICA DO ENCONTRO HUMANO	41
2.1 Alguns elementos constitutivos da Biodanza	43
2.2 Encontros com abraços: uma vivência em Biodanza	49
2.3 Três relatos a partir de encontros com a Biodanza em espaços escolares	56
2.4 Biodanza: Ars Magna e Ação Social	59
3. BIODANZA E ANÁLISE TRANSACIONAL: um diálogo profícuo à guisa das considerações finais	65
REFERÊNCIAS	73
ANEXO	75
SOBRE O AUTOR	85

NOTAS INTRODUTÓRIAS

se não amar o mundo, se não amar a vida, não
consigo entrar em diálogo
Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 1980, p 78).

A dupla finalidade desse registro é, primeiro, objetivar a parte derradeira da formação de facilitador em Biodanza e, segundo, trazer dois elementos importantes para o autor – Análise Transacional e Biodanza –, a fim de contribuir com reflexões para o *bem viver*, compatibilizando, assim, o seu espírito investigador e desbravador, no intuito de construir um diálogo entre saberes “alternativos”.

Não há a intenção de trazer uma linearidade na escrita, limitando-a um historicismo cartesiano, embora alguns marcos precisem ser evidenciados com o propósito de refletir situações datadas. Pois, é propósito desse trabalho um tom memorialista, cuja reflexão contribua na minha¹ atuação profissional, alinhada ao processo prática-teoria-prática. Afinal, procuro mergulhar na multidimensionalidade da práxis docente, na perspectiva da educação integral, em prol do enriquecimento da minha atuação pedagógica para, possivelmente, contribuir de maneira positiva no processo educativo do outro.

Por seu turno, a Análise Transacional² (AT) precisa ser incluída neste trabalho, pois foi através dela, na segunda metade dos anos de 1980, que tive contato com a Biodanza. Eram duas

¹ A predominância do tratamento neste trabalho está na 3ª pessoa, embora, diante do tom memorialista, em várias passagens, assumirei, enquanto emissor, tais registros.

² Será tratada na primeira parte desse trabalho.

propostas que, aqui na cidade do Rio de Janeiro, andavam muito juntas. Nessa época, fazia formação em AT e frequentava grupo regular (semanal) de Biodanza.

Esse processo pessoal, vivenciado naqueles anos da referida década, me permitiu buscar outra formação alternativa em dois ateliês e Parque Lage, em tempos diferenciados. As Artes Plásticas, na qual havia me aproximado na adolescência, retomava com afinco, tanto que construí um currículo com exposições coletivas e individuais até 2004.

Certamente, a AT, tal qual a Biodanza, me ajudaram, sobremaneira, na “permissão interna” para a empreitada. Na ocasião, quanto à trajetória “formal”, já havia terminado Engenharia Civil em Universidade Pública e atuava no campo da Matemática, como professor.

Assim sendo, como forma de declarar a grande importância que a Biodanza teve, e tem na minha vida, desejo ampliar esse ambiente de escrita de tal sorte que se tenha aqui um “espaço de galeria” paralelo e em diálogo com o trabalho, para mostrar algumas obras, desdobramento da expansão de minha corporeidade³. Ademais, no ANEXO I, deixo o registro de parte de um Portfólio datado de 2013.

³ O significado para o processo de expansão corpórea vai além do aspecto físico-motor, da cognição e da concretude dos cinco sentidos, mas alcança percepções afetiva, amorosa e intuitiva em um contexto de compreensão social, histórica e cultural.



1999. Silvério Augusto. VISÃO. Técnica: crayon, pigmento, acrílico sobre lixa. 22 x 16 cm. RJ (acervo particular)

Por sua vez, hoje, neste penúltimo dia do ano de 2020, não é possível tratar de qualquer temática no campo do conhecimento humano e/ou social sem conectar-se com os desafios planetários

causados por uma crise sanitária⁴ que, em boa medida, revela as contradições do sistema econômico vigente frente às necessidades básicas da vida humana. Mesmo diante desta situação calamitosa, o sistema econômico vem aproveitando para tirar proveito próprio. Haja vista a continuação da acumulação pelo grande capital, sobretudo, em territórios de geopolítica periférica, nosso caso. Esse movimento aprofunda ainda mais as desigualdades sociais, evidenciando as fraturas de uma sociedade individualista, classista, misógina, racista e LGBTfóbica.

Passar a boiada através de efeitos neoliberalizantes em curso, significa, entre outras situações, colapsar instituições estatais, em particular, de saúde pública como é o SUS; desconstruir a educação nos moldes republicanos⁵; apagar da História lutas, conquistas e direitos adquiridos, substituindo-os pela reificação e mercantilização de direitos básicos, com o intuito de dar fôlego a este projeto reformista e impopular – projeto que tem caráter excludente e necropolítico e que retira, em última análise, o direito à vida.

Contraditoriamente, a intencionalidade deste trabalho é se debruçar não somente ao direito à vida, mas que ela aconteça, também, em conexão com a natureza da espécie, de maneira a liberar a sacralidade da vida em si, tanto no reconhecimento dos instintos para se perceber enquanto integrante da Natureza; como na conexão com o Cosmo, a fim de resgatar o seu pertencimento ao Universo.

Certamente, os povos originários, pertencentes à Natureza, conseguem apreender melhor este direito à vida do que aqueles imersos em cognições racionais, somente. É verdade que “quando a vida não é sagrada nem tem valor intrínseco, pode-se destruir,

⁴ A rigor se está diante de uma civilização colapsada na qual convive-se com crises de ordens ecológica, econômica, social, política, ética concomitantemente. Latour (2020) considera que o momento planetário atual esteja testemunhando uma mutação ecológica e que urge um posicionamento sobre o que fazer agora e depois. Tempo de separar o essencial do que é acessório para a espécie humana.

⁵ Escola pública, laica, gratuita e de qualidade referendada.

torturar, explorar, humilhar. O Princípio Biocêntrico⁶ rejeita, com a mais absoluta decisão, esse grande equívoco cultural que dessacraliza a vida” (Apostila inconsciente vital e princípio biocêntrico, p.36).

Salienta-se que a trajetória metodológica deste trabalho monográfico se movimenta considerando as categorias *contradição*, *mediação* e *totalidade* do método histórico-dialético. Aliás, o lugar de onde estou, isto é, o **local de onde a reflexão é feita, tem caráter educacional, social inclusivo, político-pedagógico e formativo na interação entre o indivíduo, a sociedade e o meio onde vivem**. Este lugar sugere o próprio recorte do caminho a ser percorrido. Dessa forma, é desenvolvido o raciocínio, construindo verdadeiros fractais a partir das relações entre as referidas categorias e o escopo prático-teórico dos campos em questão. Contudo, para aqueles elementos que estão fora do recorte, poderão ter tão somente breves observações com finalidade elucidativa para comporem, enquanto pontos nodais, essa grande teia de conhecimento. Destaca-se que, aqui, *teia* é a representação da conectividade dos saberes e dos sentidos da humanidade e, mais amplamente, da vida, concepção esta, tão cara à Biodanza.

Em suma, para refletir uma temática com a qual abarcam necessidades individuais, interações sociais e subjetividades correspondentes, é pertinente levar em consideração aquela *dessacralização* nas dimensões política e social de uma sociedade com ranço de um colonialismo escravocrata e situado nas franjas de um capitalismo dependente e financeirizado, como é o caso do Brasil. Pois, em grande medida, a relação entre o indivíduo e o coletivo precisa ser restaurada levando em consideração fenômenos de ordem pessoal mas também de ordem social, a fim de pavimentar um caminho de aproximação entre pessoas e não entre papéis ou representações sociais. É se posicionar na contramão deste colapso de humanismo, em que se denuncia a naturalização da própria morte.

⁶ Princípio Biocêntrico, eixo fundante da Biodanza. Será detalhado mais adiante.

Assim, nessas mini racionalidades (locais de atuação), a Biodanza tem o compromisso de refletir/sensibilizar/atuar como mediadora, em seus coletivos, a/para/na expansão da corporeidade do indivíduo, através da consciência de si, do outro e do mundo e da reintegração, em si, de sua natureza e de uma cultura⁷ que não fragmente a sua existência. Para tal, faz-se necessário investir na expansão da **liberdade**, da **solidariedade** e da **alteridade**, considerando a complexidade da conjuntura contemporânea nas suas contradições: por um lado, de uma miscelânea cultural colonialista, patriarcal, obscurantista, conservadora, mercantilista e, por outro, de uma cultura de inovação inclusiva, emancipadora e colorida. A formação desse par dialético evidencia as discrepâncias pelas quais as pessoas estão expostas ao longo do seu processo de integração.

É certo que no processo de expansão de corporeidade, a Biodanza tem um compromisso substancial, sobretudo, ao considerar, aqui no Brasil, em particular, uma pluralidade composta por culturas marcantes, por crenças de diversas cosmovisões, enfim, por verdades múltiplas. Corroborando com isto, lembrar que Rolando Toro⁸ (RT), ao considerar a Biodanza como **poética do encontro humano**, acredita na comunhão de diferentes sob a égide do respeito mútuo e, portanto, de uma sociedade inclusiva.

De fato, RT, pela empiria, foi construindo a Biodanza no sentido de oportunizar o sujeito de se integrar consigo, com o outro e com o mundo, a partir da sua própria potência transformadora. Por outro, observa-se que elementos da teoria da Análise Transacional (AT) também proporcionam uma contribuição no sentido de favorecer esta integração através do conceito de Adulto integrado⁹.

Importante salientar que o lugar de escrita desse trabalho é compatível com uma formação não clínica em AT, mas educacional,

⁷ Será feito, *a posteriori*, uma breve descrição das quatro vertentes culturais, históricas, segundo Rolando Toro.

⁸ Rolando Toro, criador da Biodanza. Breve biografia in <https://www.biodanzarolandotoro.com/pt-pt/rolando-toro/>. Disponível em 20/05/2021.

⁹ Conceito da AT a ser construído processualmente.

o que significa avaliar as interações no *aqui e agora*, sem desconsiderar, todavia, as contribuições de autores e autoras da área clínica. Em que pese essas considerações, o analista transacional educacional precisa tratar o Adulto integrado (A+) numa perspectiva sociológica, mesmo considerando aspectos subjetivos.

Mas para essa integração, que potência transformadora e que transformação são essas? Ela se apoia em que princípio(s)? De que forma pode ser traduzida na concreção da realidade? Cabe aqui também questionar que liberdade e que solidariedade são aquelas e em que lentes se enxerga aquela alteridade?

De toda sorte, faz parte desse caldeirão ideológico a luta e a resistência pela emancipação do sujeito em si e no coletivo. Essa forte relação entre indivíduo e sociedade gera a responsabilidade do prazer/liberdade individual entre pessoas. Sendo assim, justifica trazer, para o bojo do debate, duas importantes categorias relacionais da filosofia libertária: *antiautoritarismo* (sem hierarquia autoritária e sem subjugação de poder) e *liberdade social* (aprendizado que pressupõe a igualdade de direitos e de deveres através da consolidação da solidariedade: é o exercício das liberdades individuais no coletivo).

Enfim, adquirir a liberdade em prol da vida, não é suficiente a sua busca e a sua conquista individual, mas coletiva, isto é, todos empenhados e comungados entre si a favor de suas liberdades, em espírito de solidariedade. Por outro, a complexidade da situação vai além dos tensionamentos entre liberdades de indivíduos. Pois, é preciso explicitar a existência de uma antinomia histórica entre esta busca e a domesticação do corpo desses sujeitos por parte do poder representado pelo Estado¹⁰.

Mais especificamente e dentro do recorte proposto, este registro tem a intenção de refletir o referido indivíduo, a partir dos conceitos estruturais (Princípio Biocêntrico e Inconsciente

¹⁰ Estado este que cada vez mais se encontra em processo simbiótico com o *grande capital* e que o afasta de suas responsabilidades sociais, em detrimento do mercado que precisa sempre ser ampliado em nome da sobrevivência desse sistema econômico.

vital) e de outros aportes que evidenciam a Biodanza como meio para uma práxis (prática-teoria-prática) da vivência humana – por exemplo, as cinco linhas de vivência¹¹. Ainda, soma-se a contribuição da Análise Transacional (AT) no que se refere ao *Adulto integrado* (A+), considerado neste texto o próprio sujeito transacional (na perspectiva da AT). A mediação é feita pelas categorias libertárias da igualdade, liberdade e solidariedade, fundamentadas a partir do antiautoritarismo e da construção da liberdade social e tendo como pano de fundo os condicionantes político, ecológico, social, ético e econômico.

Por seu turno, é possível identificar convergências metodológicas entre o professor e psicólogo chileno Rolando Toro (1924-2010) e o psiquiatra canadense naturalizado estadunidense Eric Berne (1910-1970), criadores da Biodanza e da AT, respectivamente. Como exemplo, ambos partem da vivência, da observação para construir seu escopo teórico. Ambos com visão indutiva, isto é, aquela visão que parte do particular e se direciona para o geral, procuram encontrar estruturas cabíveis às expectativas ou desvanecendo as hipóteses provisórias, caracterizando, assim, a práxis na dinâmica que favorece uma expansão de corporeidade. Outra característica comum é a promoção da saúde, pois, se Toro acreditava no desenvolvimento do núcleo de saúde do sujeito pelo processo vivencial da Biodanza, Berne, também crente, investiu no processo de redecisão do roteiro de vida (script), este elaborado precocemente, nos primeiros anos de vida.

No entanto, é fato que este registro escrito tem desafios metodológicos ao se tratar das diversas epistemologias em diálogo na Biodanza e, na AT, ao considerar a socialização cognitiva do processo terapêutico, isto é, ao considerar a “banalização” da teoria de comunicação pela sua ampla acessibilidade através de diagramas.

¹¹ Vitalidade. Sexualidade. Criatividade. Afetividade. Transcendência. O detalhamento dessas linhas será feito mais adiante, além do de outros elementos constitutivos nesta Teoria.

Com efeito, são diversas epistemologias que Rolando Toro vai interagir em prol da poética do encontro humano. Para tal, traz poesia, ciência e arte com ludicidade, afeto e amor. Sem o menor “pudor acadêmico”, ele vai tratar da mitologia grega, da mitologia dos orixás e da mitologia hindu; dos inconscientes vital¹², freudiano, junguiano e numinoso; da neurolinguística, psicologia, antropologia etc. Propõe um encontro de saberes, provocando uma “sopa” epistemológica, tudo em prol do encontro, da integração de si, com o outro e com o todo. Ele constrói um lugar para a Biodanza no qual o pragmatismo e a racionalidade não podem se separar da poesia, nem da sacralidade da vida no cotidiano.

No que tange à AT, os desafios se apresentam ao expor o seu escopo prático-teórico, com ênfase na sua teoria de comunicação; pois a facilidade cognitiva, que possibilita a compreensão do processo terapêutico pessoal pela leitura através de diagramas, foi traduzida como simplista e de “autoajuda” no sentido pejorativo, revelando, assim, ambiguidades quanto à qualidade teórico-metodológica do idealizador da proposta. Traduzir a teoria transacional relativa a psiquê, por meio de diagramas, foi proposta de Berne¹³ para se ter tanto a compreensão do próprio processo terapêutico, como para motivar um quantitativo maior de pessoas a se submeterem a esta dinâmica terapêutica. Salienta-se que, pela facilidade no entendimento dessa referida teoria de comunicação, ela ultrapassou os limites da área clínica e encontrou capilaridade nas áreas organizacional e educacional, mas em um tempo de grande ênfase ao tecnicismo.

Neste sentido, espera-se sensibilizar o leitor quanto ao estudo e à pesquisa empírica de Eric Berne, psiquiatra do exército estadunidense, que começou sem uma intenção apriorística, não antes de perceber, intuitivamente, determinadas padronizações comportamentais a partir de entrevistas com milhares de soldados

¹² Utiliza o conceito de autopoiese do Maturana.

¹³ A História de Eric Berne, o Criador da Análise Transacional (AT). FONTE: Web da ITAA. Disponível in <https://josesilveira.com/eric-berne/> em 17/05/2021.

estadunidenses. Esta situação o levou a continuar sua investigação com os seus pacientes de consultório e, posteriormente, a propor uma teoria da comunicação transacional, caracterizada, como já dito, por uma larga acessibilidade cognitiva. Berne tinha conhecimento de que esta característica era extremamente relevante naquele momento de pós-guerra devido ao rescaldo psíquico de uma grande parte da população que precisava ter acesso a um conhecimento que a fizesse compreender a sua natureza subjetiva e que, portanto, pudesse participar ativamente de seu processo terapêutico.

O presente trabalho é composto por três capítulos com proposta para a caminhada metodológica a partir das construções práticas-teóricas, análises e reflexões para o bem viver. O primeiro capítulo é dedicado à Análise Transacional, com ênfase na construção empírica dos estados de Ego; no segundo, caminha-se com a Biodanza, a fim de se debruçar na centralidade da vida, na compreensão do Princípio Biocêntrico. No terceiro e último, à guisa das considerações finais, serão feitas algumas considerações a partir desses dois escopos práticos-teóricos.

Uma última observação. Existe uma atenção neste trabalho para não se distanciar do nível de aprofundamento necessário, a fim de contemplar os propósitos de um registro monográfico.

1. CONSTRUÇÃO DE UMA TEORIA A PARTIR DE DADOS EMPÍRICOS: ANÁLISE TRANSACIONAL

O destino deste capítulo é constituir uma base teórica de Análise Transacional tanto para caracterizar o Adulto integrado a fim de conceber nas interações sociais a materialização desse conceito, como trazer contribuições para a expansão da corporeidade do sujeito em um processo existencial, vivencial (integrativo) e gregário na Biodanza.



2003. Silvério Augusto. SUJEITO CONTEMPORÂNEO.
Técnica: pigmento; ast¹⁴. 110 x 140 cm. RJ (acervo particular)

A elaboração teórica do Adulto Integrado (A+) é atribuída ao Psiquiatra Eric Berne (1910-1970), a partir de suas observações e intuições em campo e que deu sentido aos *Estados de Ego*¹⁵ (EE) na perspectiva transacional. E, para além da *Análise Estrutural e da Análise Funcional* desses Estados, esse médico tratou da dinâmica de comunicação entre aquelas instâncias psíquicas de indivíduos diferentes, a qual denominou de *Análise das Transações*. Ainda, verificou uma inter-relação entre patologias estruturais e

¹⁴ acrílico sobre tela

¹⁵ Os EE serão definidos em rodapé na seção 1.2.

funcionais com a forma de se comunicar através dos papéis que os indivíduos desenvolvem para “sobreviver”. Papéis estes traduzidos e esquematizados, concebendo relações de poder, desqualificações, manipulações: *Análise dos Jogos Psicológicos*. Nesta sequência de criação prática-teórica-prática, ele culmina apresentando a *Análise dos Argumentos (script) de vida*, decidido em tenra idade e que, segundo ele, serão situações que se repetirão durante a vida do indivíduo, a não ser que este faça uma redecisão através de uma tomada de consciência. Todavia, não será a intenção nesse capítulo desenvolver o corpo teórico da Análise Transacional, mas trazer a discussão da gênese da Análise Estrutural e apresentar alguns elementos pertinentes para dialogar com a Biodanza, a partir da construção do conceito de Adulto integrado.

Dessa forma, no percurso metodológico deste capítulo, será exposta a natureza intuitiva dos Estados de Ego e sua concepção teórica nas perspectivas estrutural e funcional, além de outros aspectos analíticos da teoria, no sentido de uma compreensão mais acurada do conceito de A+. É conveniente, também, trazer este conceito para a atual conjuntura ecológica, social e política, cujas representações tendem a influenciar o indivíduo contemporâneo. Para dialogar com a obra de Berne “Intuição e Estados de Ego”¹⁶, serão trazidas as contribuições de Sophia Caracushansky (s/d), Claude Steiner (s/d), além de outra obra do primeiro autor, *Análise Transacional em Psicoterapia* (BERNE, 1985).

1.1. Intuição e a construção empírica dos Estados de Ego

Nesta seção, é trazido, brevemente, o estudo da intuição através da empiria. O contexto sócio-histórico é datado do pós-

¹⁶ Este trabalho monográfico se baseou em escrito apostilado utilizado no período da formação do autor em Análise Transacional, no final dos anos de 1980. Nessa época, a obra não havia sido impressa no Brasil. Hoje existe uma versão do ano de 1992 - vide <https://unat.org.br/portal/loja.php?cat=19&codigo=158&pagina=&origem=dest> . Disponível em 22/05/2022.

guerra em que a carência de tratamentos psicológicos eram reais frente a necessidade de uma população combatida pela guerra.

Salienta-se que o autor não formulou o seu estudo de forma premeditada. Ele foi se tornando “gradualmente interessado no processo que, com a prática, tornaram-no apto a detectar e a distinguir acuradamente algumas categorias de seres humanos após 10 ou 20 segundos de inspeção”. Estas observações aconteceram em um centro de triagem do exército americano no final de 1945. Cerca de vinte e cinco mil soldados foram submetidos a avaliação psiquiátrica, entre outras avaliações clínicas, em menos de quatro meses. Foram feitas duas perguntas a cada um deles e “vários estudos foram realizados durante este período¹⁷ - cerca de dez mil casos estavam disponíveis para o estudo do processo intuitivo”. Salienta-se, que nesta operação, uma descoberta através de “sinais oculares” dos observados levou a uma “linha de pensamento que facilitou o entendimento do processo intuitivo” (BERNE, s/d, pp. 8;19).

1.1.1 Acerca da natureza da intuição

Eric Berne inicia o seu livro “Intuição e Estados de Ego”, escrito em meados dos anos de 1960, assumindo que “sob condições favoráveis a maioria, senão todos os seres humanos, particularmente os especialistas em ciência e comércio, fazem julgamento sobre assuntos cotidianos em seus respectivos campos através de processos que não conseguem ordinariamente explicar” (IBIDEM, s/d. p.1).

Se este julgamento acontece a partir da integração de uma série de processos cognitivos, em um primeiro momento, a impressão é que, a partir das circunstâncias, algum segmento desta série irá contribuir mais para a percepção verbalizada. Porém, depois que o autor apresenta os quatro métodos, ele faz referência à possibilidade de que os julgamentos sejam em função de toda a

¹⁷ Não faz parte deste trabalho um maior detalhamento desses estudos.

série epistemológica e não somente por um de seus segmentos específico, salvo raras exceções (IBIDEM, pp. 1; 3).

Em suma, Berne apresenta quatro processos diferenciados: *consciente* (por meio de “lógica de percepção verbalizada, ativamente dirigida”); *subconsciente secundário* (julgamento feito “por meio de processos não verbalizados” mas observados a partir de “conhecimento prévio” e experiência acumulada); *subconsciente primário* (“baseados em impressões sensoriais, inclusive o olfato”¹⁸) é outra categoria de intuição sintetizada pelas “‘percepções subliminares’ [que] acontecem abaixo do limiar da consciência” – percepções análogas são “mencionadas por Freud como parte integrante do resíduo diário nos sonhos”; o quarto método de julgamento apresentado é apontado para uma “função do sistema inconsciente” (IBIDEM, s/d, pp. 01-03).

A importância para os estudos do autor se recai ao terceiro método que convencionalmente foi chamado de *subconsciente primário* ao qual está atrelado ao conceito de intuição. Entretanto, pela literatura explorada (na filosofia, em Darwin e em Jung), Berne sentiu necessidade de definir pragmaticamente ao que ele se referia por intuição, e, mais especificamente, intuição clínica, que, por sua vez, implicaria em que “o indivíduo pode saber algo sem saber como ele sabe”: (IBIDEM, s/d, p. 03)

Intuição é o conhecimento baseado em experiência e adquirido através de contato sensorial com o sujeito, sem que o intuidor seja capaz de formular para si próprio ou para outros exatamente como chegou às suas conclusões. Ou em terminologia psicológica, é conhecimento baseado em experiência e adquirido através de funções preverbaís (sic) inconscientes ou preconscientes (sic) e através de contato sensorial com o sujeito. Esta definição se aproxima de Jung, que diz que intuição é aquela função psicológica que transmite percepções de forma inconsciente [...] (IBIDEM, s/d, p. 5).

¹⁸ “(cf. ‘Repressão primal’ – Freud)” (BERNE, s/d, p.2).

Por sua vez, Caracushansky (s/d, pp. 14-15) confirmou tanto a concepção intuitiva elaborada por Berne “como resultado de mecanismos não consciente, que atuam durante o contato sensorial com alguém”; como, também, “a partir da diferenciação entre o nível intuitivo e o nível lógico”, a conclusão berniana da existência simultânea de “duas realidades psicológicas distintas [...] no ser humano”.

Ademais, Berne observou que a intuição precisa ser cultivada e ela “pode ser usada na prática clínica para se fazer uma estimativa da personalidade do paciente” embora não seja conveniente (prejudicial) nem registrá-la, tampouco comunicá-la ao paciente. “Com estranhos”, faz-se necessário estabelecer primeiro um “rapport” (BERNE, s/d, pp. 27-28).

Posto o conceito de intuição, ele traz outra questão: **“a partir de que dados os seres humanos formam seus julgamentos da realidade?”** – diante desse questionamento, ratifica-se que o *juízo* é o primeiro ponto que o autor vai analisar e relacionar com o processo intuitivo, no caso, no horizonte das ‘percepções subliminares’ (IBIDEM, s/d, pp. 1-2, 6).

A propósito, ele apresenta a sua compreensão de *juízo*, que é aquela que tem a “intenção de uma imagem da realidade que afeta o comportamento e sentimentos voltados para com a realidade”. Também expõe a sua compreensão de uma *imagem*, que é aquela “formada pela integração sensorial e outras impressões entre si e com tensões externas baseadas em necessidades presentes e experiências passadas”. Ademais, traz o sentido de *realidade* compreendendo “a potencialidade de interação de todos os sistemas energéticos do universo [...] (IBIDEM, s/d, p. 6).

O autor evidencia a necessidade de “evitar a crença de que para se conhecer alguma coisa o indivíduo precisa ser capaz de colocar em palavras o que ele sabe e como ele sabe isso” (IBIDEM, s/d, p. 35). Pois, infelizmente, diz ele, não foi possível, nas pesquisas de campo, encontrar alguém que pudesse verbalizar as condições requeridas para a indução e disposição intuitiva”, embora houvesse se debruçado na análise das “qualidades da função

intuitiva” (IBIDEM, s/d, pp. 28-32). Contudo, é importante assumir que isto não significa que a *intuição* não exista.

De toda a sorte, o referido psiquiatra vai levar em consideração a intuição “na formulação dos aspectos psicológicos” em sua teoria da comunicação (IBIDEM, s/d, p. 51).

Em boa medida, Berne e outros colegas, em campo, foram “levados a acreditar que existem pelo menos dois tipos de fatores que podem ser intuídos: atitudes frente a realidade e vicissitudes instintivas, ou mais sucintamente, atitudes do ego e atitudes do id” (estas, “podem ser verbalizadas em adivinhações, por exemplo”). Eles trabalharam com possibilidade de “pistas específicas relativas a cada um desses fatores [...] Poder-se-ia dizer que nessas situações os olhos são principalmente instrumento do ego, enquanto a boca e o pescoço são expressões das funções do id” (IBIDEM, s/d, p. 34).

Enfim, o processo investigativo do método vai adquirindo capilaridade e as problematizações vão sendo delineadas e cujas respostas podem ser identificadas no próprio modelo teórico da Análise Transacional. Por exemplo: **“através de que meio além das palavras as pessoas se provocam e se comunicam entre si?”** (IBIDEM, s/d, p. 36).

Com efeito, pode-se verificar uma resposta para o questionamento acima na Análise dos Jogos Psicológicos, instrumento que será visto mais adiante. Berne enfatiza a dupla forma de se comunicar através de mensagens verbais e não verbais. Estas últimas, também denominadas de *mensagens ocultas*, e que, segundo ele, são as mais poderosas no processo comunicativo.

A propósito, o autor não se deixa furtar daqueles que delineiam a “fraqueza da intuição” no sentido de poder “nos levar a equívocos”. Contudo, ele compreende a importância do método científico aliado ao processo intuitivo que, juntos, formam uma “única base para o pensamento criativo” - Berne cita Poincaré¹⁹ (1854-1912), embora na apostila não esteja identificada a obra (IBIDEM, s/d, pp. 37-38).

¹⁹ Matemático. Considera a importância da intuição para o método matemático.

“As pessoas frequentemente agem como se tivessem medo de admitir que sabem de algo quando não podem explicar para si próprios exatamente como o sabem. Nós humanos, às vezes, nos sentimos mais seguros se negamos a existência de certos processos cognitivos, quando não podemos nos convencer que temos um *insight* completo deles” (IBIDEM, s/d, p. 52).

Por fim, cabe aqui atentar ao fato de que “a intuição tem que ser filtrada através de um ego organizado [...] O processo subconsciente não faz realmente o diagnóstico. Ele faz um julgamento preverbal (sic) da configuração, não sabendo nada da terminologia de diagnósticos. O que ocorre é que o julgamento é verbalizado em terminologia de diagnóstico.” Neste sentido, quando Berne “foi bem sucedido ao selecionar os fazendeiros e os mecânicos” ao “tentou intuir as ocupações dos soldados através da observação”, a pesquisa revelou que “o processo subconsciente não estava na realidade julgando ‘ocupações’, mas sim as atitudes desses homens frente aos problemas de realidade [...] baseado na percepção intuitiva e não verbalizada dessas atitudes” (IBIDEM, s/d, pp. 55-56).

1.1.2 Elementos da interação social

Berne (IBIDEM, s/d, pp. 54-55) entendia que o clínico não era conhecedor de todos os aspectos da “contratransferência²⁰, ansiedade e autodesconfiança (sic)” e que, assim sendo, estas se interpunham, naturalmente, entre o profissional e seus pacientes, interferindo no processo diagnóstico. Neste sentido, é possível acontecer uma certa diferença de diagnóstico entre profissionais - o autor tratou especificamente da “discussão entre os participantes de uma mesa de debates psiquiátricos”. De toda sorte, o ponto central aqui é que o profissional “também filtra o que está tentando dizer a si próprio, isto é, a intuição tem que ser filtrada através de um ego organizado”.

²⁰ Relacionado aos processos internos do terapeuta que venham interferir no processo do cliente.

Outro aspecto da interação social são os *ruídos da comunicação*. O autor vai trazer os “cibernetistas” (IBIDEM, s/d, pp. 60-62) para refletir sobre eles a partir do referencial das “máquinas” e do “cérebro”. Para tais profissionais, ‘a informação levada por uma mensagem precisa e, na ausência de ruído, é infinita. Na presença de ruído, contudo, seu volume de informação é finito, e aproxima-se de 0 (zero) muito rapidamente com o aumento da intensidade do ruído’ (WIENER, 1948a, p.78, apud BERNE, s/d, p. 62).

Por outro lado, nas comunicações interpessoais, *ruído e informação* geram reflexões mais ampliadas. Por exemplo, do ponto de vista do receptor que está interessado no estado do comunicante,

o que é ruído para o comunicante torna-se informação para o receptor e o que é informação para o comunicante torna-se ruído para o receptor, uma vez que ele [receptor] interfere com a clara recepção da mensagem que ele deseja receber, tornando sua recepção equivocada. Então, na situação psicológica, o que é informação num determinado momento pode tornar-se ruído no momento seguinte, e vice-versa, pela mera troca de atitude por parte do receptor (IBIDEM, s/d, p. 64).

Em suma, para o receptor, o valor de uma comunicação só pode ser estabelecida por ele mesmo. Assim sendo, as chamadas comunicações com ruídos – as não intencionais por parte do comunicante –, “são de maior valor psicológico do que as intencionais” para quem recebe (IBIDEM, s/d, p. 68). Em boa medida, “as comunicações precisas, formais, racionais e verbais tem menos valor do que as comunicações inadvertidas, ambíguas, informais, não racionais e não verbalizadas, posto que nesses casos o receptor não está interessado na informação que o comunicador pretende dar, mas na realidade psicológica por traz dela” (IBIDEM, s/d, p. 69). Aqui se concentra a compreensão berniana da comunicação com jogos psicológicos, na qual as mensagens ocultas (subliminares) são mais potentes na troca comunicativa do que a própria mensagem falada (socialmente aceita).

A propósito, Berne (IBIDEM, s/d, pp.70-71) vai valorar a comunicação entre indivíduos como tal a partir de “qualquer emissão de energia que afete um organismo [...], desde que a entendida pelo receptor”. Ao continuar, ele afirma: “o que não puder ser entendido não é comunicação”. Mais especificamente, afirmará que “uma comunicação é entendida quando muda a distribuição de catexia psíquica²¹ no organismo receptor”. Todavia, o valor da comunicação é determinado pela “extensão de mudança qualitativa de distribuição de catexia”, abrangendo tanto no comunicante quanto no receptor. A comunicação interpessoal aqui referida é aquela comunicação “frente a frente” - Lembrar que o momento temporal desse estudo, as redes sociais não faziam parte do cotidiano das interações sociais.

Salienta-se, que a partir das análises interacionais na práxis clínica, a teoria da Análise Transacional se desenvolveu e ampliou a compreensão das inter-relações entre sujeitos, em geral, potencializando a teoria da comunicação transacional.

²¹ Segundo Berne (s/d, p.70), “a *catexia* diz respeito à carga de ‘energia psíquica’ numa imagem psíquica e o investimento de sentimento e significância nesta imagem.

1.1.3 *Estados de Ego*²², um caso ilustrativo

Certa feita um paciente de Berne contou a seguinte estória e comentou:

Um garotinho de oito anos de idade, em férias num sítio e vestido de vaqueiro, ajudou um empregado a retirar a sela de um cavalo. Quando terminaram, o empregado disse:

- 'Obrigado vaqueiro!'

O assistente respondeu:

- 'Eu não sou vaqueiro, sou apenas um garotinho'.

[...] 'É exatamente assim que me sinto. Às vezes sinto que não sou realmente um advogado mas que sou apenas um garotinho' (IBIDEM, s/d, p. 121).

Berne descreveu o caso clínico desse paciente que “tinha um sistema especial de evitar a depressão quando jogava. Se ganhava, sentia-se imediatamente alegre. Se perdia, digamos, cinquenta dólares, ele dizia para si mesmo: - 'Hoje à noite eu estava preparado para perder cem dólares e perdi apenas cinquenta [...]’”. Em vista disso, é evidenciado pelo terapeuta dois tipos de aritmética: uma para a vitória que associou ao adulto racional e uma outra para a derrota, que associou a “uma criança com um método arcaico de

²² Seu analista Paul Federn teve influência não somente na vida pessoal de Berne como também na elaboração da Análise Transacional. Segundo Oliveira (1980, p. 35), Berne teria dito: “Psicanalistas em número surpreendente notaram fenômenos estruturais, vale dizer, mudanças de estados do ego; ou então foram informados por seus pacientes sobre o que é aqui chamado o Adulto e a Criança. A surpresa reside no fato de que nenhum deles, exceto Federn e seus discípulos, dedicou qualquer consideração séria ao assunto”. Ainda, nesta mesma referência (BERNE, 1973, p. 273 apud OLIVEIRA, 1980, p. 35), ‘Paul Federn foi o primeiro psicanalista, creio, a (...) (sic) a fazer um estudo específico de diálogos internos’. A propósito, Caracushansky (s/d, p. 16) traz a influência das pesquisas do neurocirurgião canadense Wilder Penfield (1891-1976) quando Berne denomina Neopsique e Arquepsique ao tratar da “existência de órgãos psíquicos (subdivisões da psique)”. Posteriormente, como é esclarecido neste trabalho, essas subdivisões passam a serem chamadas de o Adulto e a Criança, respectivamente.

lidar com a realidade (negação)”. Também assume a dificuldade de acompanhar o paciente caso não compreendesse “estes dois aspectos diferentes de sua personalidade, as quais “eram conscientes e pertenciam ao sistema do ego” (IBIDEM, s/d, p.121).

Não houve a questão imediata do consciente versus o inconsciente, ou do ego versus o id, no sentido de parapraxia²³ ou de comportamento do ego-distônico. Cada aproximação fazia sentido à sua maneira: Uma era apropriada ao ego maduro, a outra mais apropriada a um mais primitivo. Consciente e inconsciente, ego e id, todos estavam de alguma forma envolvidos; mas o que foi observado diretamente e o que era mais aparente para o paciente e para o observador era a existência de dois estados de ego diferentes: um, o de um adulto, o outro, o de uma criança (IBIDEM, s/d, pp. 122-123).

Aliás, esse psiquiatra assumiu que poderia observar, com facilidade, pelo menos dois estados de ego “em todo paciente” (IBIDEM, s/d, p.123). Nessa sua investigação, ele traz vários casos clínicos de quadros psiquiátricos, mas que não serão abordados por fugir do foco analítico deste trabalho monográfico. Ademais, todas as considerações voltadas tanto para as *imagens primais* quanto para as *imagens de ego* também não entraram no escopo desse registro. Todavia, salienta-se que enquanto as *imagens primais* referem-se a “uma orientação instintiva”; as *imagens de ego*, “que se referem às fixações no estado de ego do paciente”, auxiliam na “distinção entre o funcionamento do ego arcaico e do ego maduro. Por conveniência, estes aspectos do funcionamento são chamados de ‘criança’ e ‘adulto’ no paciente”. Assim, “todo psicoterapeuta deve funcionar simultaneamente como terapeuta infantil e de adulto, mesmo quando a sua clínica está restrita a adultos” (IBIDEM, s/d, pp. 125, 145-146).

Dessa referida estória do vaqueiro, sabe-se que o paciente era um “homem de 35 anos” e “um bem-sucedido e reputado advogado de tribunal, que criava sua família decentemente,

²³ Ato falho.

participava de muitos trabalhos comunitários úteis e era socialmente bem-quisito”. No entanto, ao longo do processo terapêutico frequentemente se portava com atitudes de um “garotinho”, chegara a comentar que era assim mesmo que se sentia: ‘não sou mesmo um advogado, sou apenas um menininho’. O trabalho terapêutico se orientou para que ele próprio pudesse perceber quando falava o ‘advogado’ ou o ‘menininho’. Também era apontado quando diagnosticava suas atitudes como advogado, mas que, na verdade, era um *adulto contaminado pela criança*²⁴. “Na medida em que este trabalho prosseguia, mudanças notáveis ocorrem em seu modo de vida, sem qualquer sugestão direta” (IBIDEM, s/d, pp. 146-147).

A partir da sua crescente capacidade de distinguir cada um desses dois estados de ego, o paciente passou a “controlar” o “adulto” a semana inteira às custas da “criança” que expressava a sua “tensão acumulada” nos finais de semana, mas de forma moderada (IBIDEM, s/d, p. 149). Com efeito,

o processo de diferenciação dos estados de ego que pode convenientemente ser chamado de ‘análise estrutural’, deve ser, neste ponto, distinguido com clareza de seus parentes terapêuticos. É diferente da abordagem ‘ego’ versus ‘id’ porque, como será explicado brevemente, a “criança não é sinônimo de id, mas é um estado de ego²⁵ completo por si próprio, com sua própria estrutura psíquica (IBIDEM, s/d, p. 151).

Enfim, estava sendo desenvolvido um método que promovia o paciente encarar “suas percepções internas tanto quanto com suas percepções externas numa tentativa de liberar sua própria

²⁴ A posteriori, Berne irá definir como uma das patologias estruturais do Estado de Ego Adulto: *contaminação*, no caso, do Adulto pela Criança.

²⁵ Berne (IBIDEM, s/d, p. 149) define **estado do Ego** que “pode ser descrito fenomenologicamente como um sistema coerente de sentimentos, e operacionalmente como no conjunto de padrões de comportamentos diferentes; ou, pragmaticamente, como um sistema de sentimentos que motiva um conjunto relacionado de padrões de comportamento.

capacidade de julgamento das contaminações de atitudes arcaicas”. Tal consciência geraria um “estado de ego purificado”, a fim de promover ao indivíduo uma maneira apropriada de “lidar corretamente com as coisas” (IBIDEM, s/d, p. 151).

No andamento do processo terapêutico, “se tornou evidente que algumas de suas atitudes não pertenciam nem ao ‘adulto’ nem a ‘criança’, na medida em que aumentávamos nossa compreensão destes componentes. Estas atitudes anômalas foram colecionadas e cristalizadas em um terceiro estado de ego que veio a ser chamado de ‘pai’, já que eram reflexos evidentes de preconceitos parentais”. Desta feita, o “diálogo” entre “adulto” e “criança” se transformou em “triálogo” entre “pai”, “adulto” e “criança”²⁶. Sobretudo, no tocante a dinheiro – “o paciente trocava de uma posição a outra, e em pouco tempo pudemos reconhecer qual era” (IBIDEM, s/d, pp. 152-153).

Neste momento da terapia iniciava-se a fase de “descontaminar” o Adulto pelo Pai. Mais adiante, Berne, ao sistematizar a teoria da *Análise Estrutural*, vai categorizar como uma das duas patologias estruturais, a chamada contaminação²⁷: 1) do Adulto pelo Pai; 2) do Adulto pela Criança; 3) do Adulto pelo Pai e pela Criança (“dupla contaminação”).

O processo de descontaminação, em outras palavras, significava redefinir tanto a fronteira entre o Pai e o Adulto, quanto a da Criança e o Adulto. A conclusão disso tudo, foi o fortalecimento do Estado de ego Adulto (“purificado” duplamente) que “podia se posicionar à parte, e assistir a batalha contínua entre

²⁶ Em nome de uma praticidade na exposição e na discussão do método, “é mais conveniente usarmos letras maiúsculas para distinguir Pai, Adulto e Criança enquanto estados de ego, do que usarmos aspas”. (IBIDEM, s/d, p. 156-157). Outrossim, foi desenvolvida uma estratégia didática-metodológica através de **gráficos**, com o intuito de auxiliar as dinâmicas de análise em prol de facilitar a compreensão do processo terapêutico pelo paciente. Salienta-se que neste trabalho não será utilizado, em grande medida, desta prerrogativa.

²⁷ A outra patologia estrutural definida por Berne e encontrada na literatura transacional é a chamada *exclusão* de um ou dois estados de ego (bloqueio da catexia).

‘pai’ e ‘criança’ com crescente objetividade e clareza: uma posição terapêutica vantajosa” (IBIDEM, s/d, p. 154).

Por outro lado, Berne (IBIDEM, s/d, p.158) assume a inexatidão de se considerar Pai, Adulto e Criança “como mero neologismos para o superego, ego e id de Freud (1949)”. Por exemplo, “o superego é ‘um agente especial dentro do ego’ cuja função principal é o controle crítico, enquanto o Pai é um estado de ego completo por si mesmo” (IBIDEM, s/d, p. 157). Por sua vez, “a Criança, embora seja arcaica, ainda é um estado de ego organizado, enquanto o id, de acordo com Freud (1933) ‘é um caos... não tem organização e vontade unificada’. A organização da Criança é tão altamente desenvolvida quanto o foi quando o indivíduo tinha um, dois ou três anos de idade, ou quando o evento da fixação original se deu” (IBIDEM, s/d, p.158).

Em suma, superego-ego-id e Pai-Adulto-Criança representam diferentes abordagens. Para esta segunda, Berne (s/d, p.159) advogou ser “mais útil na prática diária por ser de maior facilidade de compreensão pelos pacientes e maior facilidade de aprendizagem por terapeutas, afora a questão de sua precisão teórica”. Neste sentido, este médico vai identificar o surgimento de “problemas psiquiátricos [...] quando os três estados de ego estão em conflito tão severo entre si que o adulto (sic) não consegue manter controle adequado, ou quando ele é patologicamente contaminado por um ou ambos os outros”.

Ratificando, ao se pensar em “procedimentos psicoterapêuticos” através da análise estrutural, é preciso “clarificar e fortalecer as fronteiras entre os três estados de ego e descontaminar o Adulto”, em nome de “uma forma de vida saudável e um aliado valioso em todo trabalho terapêutico subsequente” (IBIDEM, s/d, p. 171).

1.2. Breve análise: da Estrutura, da Função, das Transações, dos Jogos e dos Argumentos

Berne (1985, p. 177) foi além da análise dos Estados de Ego (EE), a qual denominou de Análise Estrutural de 1ª ordem. Isto significou poder fazer uma análise muito mais detalhada. Em casos especiais, ele foi até a 3ª ordem com as suas pesquisas. De forma meramente ilustrativa, a análise estrutural de 2ª ordem é compreender que se tem o Pai, o Adulto e a Criança tanto no EE Pai, como no EE Adulto e no EE Criança. Para pesquisar estas “estruturas mais refinadas da personalidade”, consultar o livro *Análise Transacional em Psicoterapia* (1985).

Em resumo, a análise estrutural se debruça tanto nos conteúdos de cada órgão psíquico (o Pai, o Adulto e a Criança), quanto nos seus conflitos entre eles (gerando patologias estruturais: exclusão ou contaminação), no sentido de integrá-los para uma cooperação mútua: “o que se almeja é um *diálogo interno* livre entre os três órgãos, sem invasão de um pelo outro e sem a hegemonia de um em detrimento dos demais” (CARACUSHANSKY, s/d, P. 269). A conquista dessa liberdade é a “função precípua da Análise Transacional Estrutural que constitui a primeira etapa do tratamento, segundo Berne, fazer aflorar a autonomia do Adulto do paciente, o qual pode então cooperar com o psicoterapeuta em todo o processo de tratamento” (IBIDEM, s/d, 267).

Ao detalhar a análise estrutural de 2ª ordem do EE Adulto, por exemplo, “parece que, em muitos casos, certas qualidades infantis se integram ao estado do ego Adulto de uma maneira diferente do processo de contaminação [...] têm um encanto e uma simpatia que são reminiscências dessas características exibidas por crianças”. Ademais, agregam a esta característica, um sentimento de responsabilidade, de empatia em relação a humanidade que se aproxima do conceito clássico de “*pathos*”. “Por outro lado, há qualidades morais que são universalmente esperadas de pessoas que assumem responsabilidades adultas, atributos como coragem, sinceridade, lealdade e fidedignidade, e que não correspondem a

meros preconceitos locais, mas a um *ethos* de alcance mundial". Assim sendo, neste grau de libertação do Adulto, é possível caracterizá-lo com aspectos éticos e empáticos. Em termos da Análise Transacional, significa que o Adulto "deveria exibir, em termos ideais, três tipos de tendências: atratividade e simpatia pessoais, processamento de dados objetivo e responsabilidade ética, representando, respectivamente, os elementos arqueopsíquicos, neopsíquicos e exteropsíquico, "integrados" no estado do ego neopsíquico [...]" (BERNE, 1985, pp. 180-181). Em outras palavras, tem-se aqui o nascedouro do conceito de **Adulto integrado** (A+).

Do entendimento pela Ciência que *função* advém da *estrutura*, a Análise Transacional não foge à regra pois, "por função entendemos comportamento, por estrutura, a engrenagem psíquica que gera o comportamento". Por Caracushansky (s/d, p. 150), Berne define estados de Ego como 'os estados mentais e seus relativos padrões de comportamento'. Sendo assim, para uma compreensão mais acurada, essa autora vai assumir, como a maioria dos autores, o termo estado de Ego para "referir-se as funções (comportamentos), reservando a expressão órgãos psíquicos para referir-se à estrutura". Esses órgãos psíquicos, a rigor, chamar-se-iam de Exteropsiquê, Neopsiquê e Arqueopsiquê, correspondendo Pai, Adulto e Criança, respectivamente. Mas, na prática, são **o** Pai, **o** Adulto e **a** Criança, enquanto que, funcionalmente falando, são **um** Pai, **um** Adulto e **uma** Criança.

Duas grandes categorias de comportamento foram identificadas tanto para o estado de Ego Pai, como para o estado de Ego Criança. Para este, foi caracterizado através da *liberdade* e da *adequação* (adaptação em um sentido positivo); enquanto para aquele (EE Pai), pela *criticidade* e pela *proteção*. Salienta-se que essas modalidades comportamentais são identificadas em perspectiva positiva e negativa. Por exemplo, no sentido positivo, um Pai faz críticas construtivas e estabelece limites protetores; no negativo, suas críticas atingem a autoestima do outro, além de comportamentos persecutórios. Enfim, em termos funcionais, esses

estados de Ego, em circuito positivo, são denominados de Pai Crítico, Pai Protetor, Criança Livre e Criança Adequada; em circuito negativo, Pai Perseguidor (ou Pai Crítico negativo), Pai Superprotetor (ou Pai Protetor negativo), Criança Louca (Criança Livre negativa), Criança Adaptada (podendo ser Criança Adaptada Submissa ou Criança Adaptada Rebelde (passiva ou ativa))²⁸.

O método berniano, em boa medida, recebe o nome de Análise Transacional em função da *análise das transações*:

Por transação, entende Berne, uma unidade de ação social, que envolve um estímulo e uma resposta. O estímulo é dado por um estado do ego específico e dirige-se a um determinado estado do ego de outra pessoa. A resposta tem as mesmas características do estímulo, i.e., parte de um estado do ego específico e dirige-se a um determinado estado do ego do interlocutor. (IBIDEM, s/d, p. 21)

Análise das transações é uma proposta teórico-prática potente de comunicação, na qual as intencionalidades são identificadas com clareza pelos envolvidos no processo, evidentemente, a partir de alguma expertise no assunto. Envolvem comunicações complementares, disruptivas e subliminares. Ademais, a relação transferencial e contratransferencial são bastante destacadas nesta práxis. Entretanto, esta análise é uma proposta que não se mostra suficiente para afastar os indivíduos de se induzirem “mutualmente à patologia”, ao que Berne nominou estas situações de *Jogos psicológicos*.

Segundo Caracushansky (s/d, p. 63), “o conceito de ‘Jogos’ deriva do conceito de ‘repetição compulsiva’ de Freud”, que, por sua vez, advém de “uma tendência instintiva” de tornar real “certas impressões precoces (do começo da infância) já esquecidas [...] agora em relação a uma pessoa diferente”.

²⁸ Para maiores detalhamentos da Análise Estrutural e da Análise Funcional, inclusive auxiliada por diagramas, consultar a literatura transacional.

O principal objeto da ‘repetição compulsiva’ é o drama edípico, i.e., uma trama de final infeliz, atinente ao triângulo familiar, vivida precocemente na infância. É para recapturar ou aumentar as recompensas deste drama que o indivíduo cria oportunidades para a sua constante repetição. A cada uma dessas repetições Berne chama de Jogo psicológico (IBIDEM, s/d, p.63).

A propósito, Berne afirma que para um Jogo psicológico se estabeleça é necessário um estímulo inicial (“**isca**”) dirigida ao(s) receptor(es) que, pelo seu turno, precisa(m) ser fisgado(s) por uma brecha ou fraqueza (“**fragilidade**”), tais como o medo, a ganância, o sentimentalismo, a irritabilidade, entre outras. No caso, a isca é emitida através de mensagens subliminares. O momento seguinte é a **resposta**, isto é, o indício da aceitação daquela emissão que vem através de sucessivas argumentações – é o movimento, o desenvolvimento de um jogo que neste ponto está tipificado, estruturado²⁹. A partir dessa dinâmica, em algum momento haverá uma **mudança**, surgindo, então, a verdadeira motivação do jogo: a ulterioridade vem à tona através da mudança de papéis dos participantes. Consequentemente, se dá uma **confusão** (ou perplexidade) momentânea com a surpresa daquela mudança. E, logo a seguir, o **desfecho**, que é o benefício ou ganho final. É mútuo e consiste em reexperimentar aqueles sentimentos já conhecidos pelos jogadores, que buscam-no para reforçar aquela necessidade compulsiva – são as pseudovantagens do Jogo psicológico (IBIDEM, s/d, p. 68).

²⁹ No livro de Eric Berne “Os jogos da vida” (publicado em 1964) é encontrado uma gama de jogos psicológicos identificados e estruturados, entre outros: “Agarre-te”; “Se não fosse você”; “Veja só o quanto eu me esforcei”; “Só estou querendo te ajudar”; “Desastrado”; “Por que você não...? Sim, mas...” - são denominação feitas com expressões coloquiais para uma melhor compreensão do grande público. Por sua vez, no livro do Claude Steiner, “Os papéis que vivemos na vida” (s/d), ressalta-se para o capítulo 17, no qual é tratado os “jogos de poder de quem está por cima”, “de quem está por baixo” e “jogos de poder entre pessoas que possuem aproximadamente o mesmo poder e sentem-se iguais uma em relação a outra” (“Batalha Campal”) (STEINER, s/d, p. 210).

Stephen Karpman³⁰ (SEMINÁRIO “PRÊMIOS ERIC BERNE”, 1982, p. 31) apresenta o Jogo psicológico através de um triângulo, o qual o chama de “Triângulo Dramático”. Conforme a figura abaixo³¹, são apenas três papéis necessários para analisar e observar os movimentos desse jogo psicológico:



Perseguidor: sente ira, indignação e necessita descarregar para se sentir melhor, necessita que o temam; o estado de Ego correspondente é o Pai Crítico negativo ou a Criança Adaptada

³⁰ Steve Karpman foi condecorado, em 1972, com o “Eric Berne Memorial Scientific Award” (Prêmios Eric Berne) pelos seu trabalho sobre “Contos de Fada e Análise do Drama dos Scripts”, no qual desenvolve o conceito de Jogos psicológicos através da perspectiva do Triângulo Dramático. Esses prêmios foram institucionalizados “em 1971 pelo Transactional Analysis Journal e o Board of Trustees da ITAA para reconhecer aqueles autores que deram relevantes contribuições para o avanço da teoria em AT”. (SEMINÁRIO “PRÊMIOS ERIC BERNE”, 1982, p. 21). ITAA (International Transactional Analysis Association) foi fundada pelo Eric Berne e seus colegas em 1964 e hoje essa Associação tem membros em todos os continentes e em cerca de 50 países. (<https://itaaworld.org>, disponível em 20/03/2022).

³¹ (<https://guiabrasilamerica.com/triangulo-dramatico-x-triangulo-da-realizacao/>. Disponível em 20/03/2022).

Rebelde, com uma posição existencial do tipo projetiva; **Salvador**: necessita que necessitem dele e, portanto, passa uma mensagem de que o outro é incapaz, com o intuito de manter o vínculo; o estado de Ego correspondente é o Pai Superprotetor, com uma posição existencial do tipo projetiva; **Vítima**: necessita que lhe rebaixem para se manter com o sentimento de inadequação; se preciso, manipula com culpa o ambiente; o estado de Ego correspondente é a Criança Adaptada (submissa ou rebelde passiva), com uma posição existencial do tipo introjetiva ou niilista).

A dinâmica do jogo se dá a partir do movimento dos papéis no triângulo. Por exemplo, alguém pode iniciar com o papel exercido com mais frequência, com os jogos típicos de Salvador, desdobrar para os de Vítima e terminar com jogos persecutórios. Felizmente, dentro da proposta de conscientização pela AT, tem-se formas de saída desse circuito. Em primeiro lugar, precisamos perceber em que papel estamos para ativar as suas antíteses. De toda sorte, utilizar-se da autocrítica, a fim de estabelecer o sentido de realidade é um primeiro momento. Ou seja, procurar colocar a sua catexia no estado de Ego Adulto.

Dando prosseguimento a esta jornada de conscientização do sujeito, na perspectiva psicológica, em prol de sua ampliação de corporeidade, Eric Berne (1985) vai afirmar que:

os jogos parecem ser segmentos de conjuntos mais amplos e complexos de transações, chamados argumentos³². Os argumentos pertencem à esfera dos fenômenos de transferência, isto é, são derivativos, ou, mais precisamente, adaptações, de reações e experiências infantis. Mais um argumento não diz respeito a uma mera reação de transferência ou a uma situação de transferência; ele é uma tentativa de repetir, de forma derivada, um drama de transferência, frequentemente divididos em atos, exatamente como os argumentos teatrais, que são derivativos artísticos intuitivos desses dramas primários de infância. Operacionalmente, um argumento é um conjunto complexo de transações, periódicas por natureza, mas

³² *Scripts de vida.*

não necessariamente recorrentes, uma vez que um desempenho completo poderia exigir toda uma vida (BERNE, 1985, p. 109).

De fato, o argumento se estabelece enquanto uma *decisão precoce*, feita na infância, antes de um “amadurecimento necessário para prever a extensão de suas consequências”. As crianças captam dos pais (ou responsáveis) proibições através de mensagens subliminares e, portanto, não conscientes, e que na AT são denominadas de “mensagens bruxas” (CARACUSHANSKY, s/d, p. 79) – verdadeiros “mandatos” (não penses, não sintas, não existas, não vivas, não seja você mesmo etc).

Por outro lado, essa criança precisa “dar andamento ao roteiro preconizado pelos pais [...] a oportunidade acaba por surgir através de um conto de fadas, uma história de animais, uma trova popular ou até um comercial de TV” que acaba por encontrar um personagem que se identifique, a partir da sua compreensão daquele desígnio parental (IBIDEM, s/d, pp. 79-80).

A rigor, análise dos scripts (ou dos argumentos de vida) é “o objetivo principal da Análise Transacional”, tendo em vista ser o script o fator que “determina o destino e identidade do indivíduo” (BERNE, s/d, p.183). Para uma investigação deste recorte da teoria transacional, convida-se visitar a obra não somente do Eric Berne, mas da Sophia Caracushansky, do Claude Steiner, do Robert e Mary Goulding, do Steve Karpman etc.

Salienta-se que a partir do ano seguinte ao falecimento de Eric Berne, em 1971, a *International Transactional Analysis Association* (ITAA) passa a conceder anualmente um Prêmio Eric Berne para aqueles que vem contribuindo com o desenvolvimento teórico da AT.

Como derradeiro parágrafo antes de concluir esta contribuição da Análise Transacional na tentativa de proporcionar um diálogo profícuo com a práxis da Biodanza, não se pode negar a genialidade de Eric Berne naquilo em que ele conseguiu sistematizar. Sobretudo, depois que a “sua candidatura para membro da Sociedade Psicanalista foi recusada” em 1956, que,

certamente, teve “efeito devastador e catártico”, levando em consideração a sua produção, “a fim de desenvolver por si mesmo uma nova abordagem psicoterapêutica” (OLIVEIRA,1980, p. 45). A propósito, uma suspeita de Steiner (1976, p. 22 apud OLIVEIRA, 1980, p.45) sobre a rejeição de Berne por parte dessa Sociedade era de que ‘ele sentia que os terapeutas deveriam ser mais ativos em buscar a cura de seus pacientes, do que os psicanalistas tinham permissão para ser’. De fato, Berne trabalhava em prol da cura de seus pacientes. Afinal de contas, se houve uma decisão mesmo que precoce, o indivíduo tem condição de redefini-la e de quebrar o script de vida. E, neste ponto, a Análise Transacional se aproxima da Biodanza robustamente.



2000. Silvério Augusto. PORTAL. Técnica: pigmento; ast. 110 x 140 cm.
RJ (acervo de particular)

2. BIODANZA: A POÉTICA DO ENCONTRO HUMANO

A intenção deste capítulo é investigar a abrangência da Biodanza no que tange à integração do sujeito em si, com o outro e com o todo, na perspectiva de que a vida está na centralidade da existência, cujo desdobramento, em boa dimensão, dar-se-á pela consciência de uma corporeidade em expansão.

Por outro, tendo em vista a proposta para refletir sociabilidades, é preciso que o sujeito seja capaz de CONSTRUIR A SUA LIBERDADE SEM, NO ENTANTO, DESCONSIDERAR A RELAÇÃO SOLIDÁRIA QUE PRECISA EXISTIR ENTRE INDIVÍDUOS NO COLETIVO. Ou seja, há de se ter respeito consigo, com o seu semelhante e com o todo, para que não haja nem subjugação, nem autoritarismo entre pessoas. De fato, como já sinalizado anteriormente, a reflexão deste trabalho precisa se aproximar de uma estética libertária, plena de sentidos pela vida e pelo gozo de viver e na utopia de uma sociedade anárquica, isto é, sem hierarquia. Em boa medida, há uma aproximação da Biodanza com essa estética e, ambas, em oposição tanto à escalada de desumanização da humanidade, quanto à meritocracia e ao individualismo exacerbado, encontrados, por exemplo, na ideologia liberal de capital humano.

É importante que se esclareça que, a despeito dessa situação relevante de convergência entre os campos, eles têm gêneses diferentes. A Biodanza, por exemplo, se fundamenta por dois eixos estruturantes, entre os quais, o *Princípio Biocêntrico*, que concerne “respeito pela vida como centro e ponto de partida de todas as disciplinas e comportamentos humanos” no sentido de restaurar a

“sacralidade da vida” (Apostila³³ Inconsciente Vital e Princípio Biocêntrico, p.33). Salienta-se que o outro eixo de sustentação é o *Inconsciente Vital* e que está relacionado com o “psiquismo celular”, responsável pela coordenação das “funções de regulação orgânica e homeostase [...] As manifestações do Inconsciente Vital no cenário cotidiano são o humor endógeno e o estado cenestésico de bem-estar ou mal-estar” (IBIDEM, p. 3-4).

Em uma linguagem sensível, pode-se dizer que a Biodanza é uma dança que existe dentro da gente e é expressa através de seu método que, por sua vez, é apreendido através de uma progressividade vivencial. Essa dança, (TORO, 1991), “é movimento pleno de sentido [...] é um movimento profundo que surge do mais íntimo do homem. É movimento de vida, é ritmo biológico, ritmo do coração, da respiração, impulso de vinculação à espécie, é movimento de intimidade”. Não é uma questão de técnica, mas uma permissão de se expressar com intencionalidade, tendo em vista não se tratar de “dança livre”. Rolando Toro (RT) a considerava “a poética do encontro humano³⁴”.

A propósito, *progressividade* é o primeiro princípio listado numa série de vinte e dois, denominados de *mecanismos de ação* que, integrados, dão coerência ao sistema de Biodanza. Este mecanismo diz respeito à intensidade e à duração dos exercícios vivenciais, de modo que “produza um processo de mudança evolutivo”. Afinal, é conveniente respeitar as defesas do indivíduo de forma a não se correr “o risco de deixá-lo sem continente para sua identidade e por gravemente em perigo a sua homeostase” (IBIDEM, p. 07).

Toro chama a atenção para a interconectividade destes mecanismos de ação, entre os quais, “a estimulação de vivências mediante a música, a dança e situações de encontro em grupo” é fundamental na Biodanza (Apostila Mecanismos de ação, p. 3)

³³ Serão utilizadas as chamadas “Apostilas” que acompanham os módulos da Formação inicial. Seus conteúdos têm origem nos Tomos I, II (TORO,1991) também aqui utilizados.

³⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=gzj-rfRCEEs> . Disponível em 13/01/2021.

Sarpe (2017), ao propor um programa para criação e para manutenção de grupos regulares (geralmente semanais), trabalha a progressividade, conforme Rolando Toro, a partir dos níveis de integração motora, afetivo-motora e existencial, relacionando aos inconscientes vital, pessoal e coletivo. Estes níveis vão diferenciar os grupos iniciais dos de aprofundamento. A título de uma melhor compreensão, a integração motora, a que está associada ao Inconsciente vital, é fartamente oferecida para os grupos de iniciantes: no intuito de “criar integração motora-lúdica, harmonia biológica e aprendizagem da convivência, estruturando uma matriz grupal, essencialmente através do ritmo, de exercícios lúdicos e série de fluidez” (para a mansuetude) (SARPE, 2017, pp. 28; 32).

No que diz respeito à materialidade do método, são “três elementos básicos” que compõem uma “estrutura unitária” e que se relaciona de forma “dinâmica e possuem um efeito específico”: “**música – movimento – vivência**” (TORO, 1991, p. 2). Nesta direção, o princípio da progressividade pode ser assegurado pelo planejamento da dinâmica da estrutura unitária em questão.

O capítulo consta de quatro subdivisões: a primeira, para identificar alguns pontos teóricos estruturantes para uma construção metodológica; a segunda, relativa à consigna e à vivência do encontro; a terceira, três depoimentos de participantes de encontro(s) de Biodanza em espaços escolares e, por fim, a contextualização da Biodanza enquanto *Ars Magna* (Grande Arte) e a sua proposição enquanto ação social.

2.1 Alguns elementos constitutivos da Biodanza

Segundo Rolando Toro, a Biodanza nasce a partir de sua experiência pessoal e ele logo percebe que sua estrutura poderia encontrar sustentação “nas ciências que tratam da vida, em particular na biologia”. Entretanto, também percebe a confluência da “arte, ciência e amor”; este, abrangendo uma “dimensão

corporal, ativa”³⁵. Desse modo, ele constrói uma estrutura para o seu “trabalho na qual música, movimento e situações de contato e continente afetivo formavam uma perfeita unidade”. Ademais, dizia ele que, enquanto a música se tratava de uma linguagem universal, a dança, em seus movimentos e sentidos, integravam o corpo e a alma (IDEM, 2002, p. 9-10).

Ainda, ela concebe o mundo de forma integrada, onde as pessoas estão interligadas na cooperação e nas relações horizontalizadas, em oposição à competição e à dominação. Compreende a existência de uma essência humana cuja origem está na “raíz animal e selvagem” e não na consciência do indivíduo. Em caso de bloqueio, repressões, negações para com as potencialidades humanas, também acredita na existência de potencialidades de autocriação.

Ao elencar os paradigmas da Biodanza, Toro (1991) entende que eles sejam pontos de partida para dar suporte a “estrutura operatória” deste sistema. O **Princípio Biocêntrico** é o primeiro elencado e diz respeito à vida em uma perspectiva plena, biocósmica. Afinal, no *processo integrativo*, ao tratar da busca de uma conexão com o todo, no limite, é o próprio Cosmo que se procura. O princípio se “inspira-se nas leis universais que conservam os sistemas viventes e fazem possível sua evolução”. Portanto, é um surgimento anterior à cultura que, dessa forma, precisa ser secundarizada em nome dos “interesses da vida [que] nem sempre se conjugam com as necessidades de nossa cultura”. Como exemplo, os “códigos e tribunais de justiça, baseia-se (sic) na defesa da propriedade privada, e não na proteção da vida”. Em suma, identifica-se que o “nosso mestre é a própria Natureza”. (TORO, 1991, p. 8).

A Biodanza convida, através do Princípio Biocêntrico, para uma renovação dos “valores culturais” ressaltando o “respeito pela vida” ao considerar a premissa de que o “universo é organizado em função

³⁵ Salienta-se que se há intencionalidade no contato físico, segundo a AT, isto significa *carícia* (stroke).

da vida". Para tal, Toro trabalha com um apanhado de considerações que denomina de "pacto prévio", entre as quais, aquela a qual "existe uma coerência perfeita entre a estrutura do universo e a estrutura dos seres vivos". Nesse sentido, a transformação do sujeito é feita pela vivência e não pela via ideológica (Apostila Inconsciente Vital e Princípio Biocêntrico, pp. 17, 32-33).

Essas considerações possibilitam "refletir sobre as relações teóricas entre o Princípio Biocêntrico e o conceito de Inconsciente Vital" (IBIDEM, p. 18). Pois, por um lado, esse princípio "estabelece um modo de sentir e de pensar que toma como referência existencial a vivência"; por outro, o Inconsciente vital diz respeito "a este processo 'cognitivo' de auto-organização dos seres vivos", a partir da "capacidade de 'produzir a si mesmos'" (autopoieses³⁶) e "está em sintonia com a essência viva do universo". (TORO, 2002, pp. 48;50;53).

Salienta-se que a saúde do Inconsciente vital se manifesta no *desejo de viver*, proveniente do *psiquismo celular* ('sabedoria bioquímica'), e não do pensamento conceitual nem da vontade consciente. Suas manifestações no cenário da consciência cotidiana são o "humor endógeno e o estado cenestésico de bem-estar ou mal-estar". O humor endógeno "é frequentemente o resultado de uma conjunção de fatores genéticos e do estado global de saúde" (Apostila Inconsciente Vital e Princípio Biocêntrico, pp. 07; 10; 17; 26-27).

Em resumo, "o Inconsciente Vital gera afinidades, instintos, vivências, estados de humor, sensações corporais; tudo aquilo que surge sem participação do pensamento". Para Toro, a maneira de influir neste inconsciente e, conseqüentemente, influir sobre o humor endógeno, é induzir "vivências revitalizantes de Biodanza". Aliás, é preciso levar em consideração "o estado de humor que evocam as diferentes músicas" da Biodanza para se ter benefícios sobre o Inconsciente vital (IBIDEM, pp. 13; 19).

³⁶ "O conceito de autopoieses criado por Humberto Maturana se refere a capacidade de um organismo de gerar a si mesmo, com independência de uma determinação imposta pelo ambiente". Toro se debruça nas ideias de Humberto Maturana e Francisco Varela através da Teoria de Santiago para fortalecer o seu conceito de Inconsciente vital. (Apostila Inconsciente Vital e Princípio Biocêntrico, p. 14).

Em relação à cultura, RT analisa quatro vertentes culturais e, em todas elas, foram identificadas a repressão sexual, divisão de corpo-alma e onipotência e discriminação humana: a *oriental* que “nega o valor divino da vida real”, a *Judaico-Cristã* que “conseguiu produzir, durante séculos, a castração dos instintos”, a *Grega*, “com a separação corpo-alma” e a *Romana*, “do poder absoluto e a separação entre senhores e escravos”. (IBIDEM, pp. 41-42; Apostila Ação Política e Social, pp. 5-6)

Diante dessas tendências culturais e seus fatores limitantes que envolvem a grande parte da civilização, ao apresentar um sistema fundado “no respeito pela vida, no gozo de viver, no direito ao amor e ao contato”, pode acarretar incompreensões e preconceitos. Contudo, a proposta desse sistema de Biodanza é atuar no sentido de “restituir na cultura, a sacralidade da vida” no cotidiano. (Apostila Inconsciente Vital e Princípio Biocêntrico, p. 34; 36).

RT definiu a Biodanza como **“um sistema de integração afetiva, renovação orgânica e reaprendizagem das funções originárias da vida”** (TORO,1991, p.2).

Para atingir os propósitos da definição, a mediação é feita pela dança, pela música, pelo canto e por situações de encontro em grupo, no sentido de “ativar o núcleo afetivo” do sujeito pela “indução de vivências integradoras”. Entende-se por **integração afetiva** aquela que restaura a “unidade perdida” entre percepção, motricidade, funções viscerais e o núcleo integrador que é a afetividade. A **renovação orgânica**, por sua vez, está relacionada à regulação global das funções biológicas (homeostasia) e “é induzida principalmente mediante estados especiais de transe”. Por fim, a **reaprendizagem das funções originárias de vida** diz respeito ao resgate dos “instintos básicos (programação genética) [...] [que] têm por objeto conservar a vida e permitir sua continuidade e evolução [...] O desenvolvimento se realiza

mediante uma concentração de ecofatores³⁷ positivos sobre “cinco grandes conjuntos de potenciais [humanos]: Vitalidade, Sexualidade, Criatividade, Afetividade e Transcendência” (linhas de vivência). É este desenvolvimento que reativa “a capacidade de amor, alegria e coragem de viver (IBIDEM, 1991, p.2).

As vivências, com o “poder de integração em si mesmas”, têm uma função primordial no processo grupal de Biodanza frente à expressão da Identidade que se dá na presença do outro. Mas esta manifestação está em função dos *potenciais genéticos* do indivíduo já que eles “constituem a gênese biológica da Identidade”. Por seu turno, esses potenciais dependem da ação dos ecofatores, que tanto podem estimular como inibir. Em suma, a Identidade, para se externar, está em função dos potenciais genéticos que dependem dos ecofatores. É por isso que “a expressão da Identidade constitui um objetivo central de Biodanza” e a ação desta sobre aquela consiste em estimular as cinco linhas de vivência (Apostila Mecanismos de ação, pp. 4-5).

A identidade é o conjunto de qualidades essenciais de um indivíduo que lhe conferem sua singularidade. A identidade é a que determina que um indivíduo seja único e, em essência, insubstituível [...] se gera no momento da fecundação do indivíduo e se expressa nas linhas de vivência moduladas pelos ecofatores. A indução de intensas vivências mediante Biodanza permite aos participantes tomar contato consigo mesmos, sentir o corpo e expressar a identidade. Cada pessoa desenvolve durante a vida umas linhas de vivência com maior força que outras. Este fato determina o perfil da identidade [...] ao expressar seus potenciais, o participante não está submetido primordialmente a papéis sociais ou a mandatos culturais, mas à sua natureza profunda. O ambiente só estimula ou inibe os potenciais [...] Biodanza pode ser considerada um verdadeiro “bombardeio” de estimulação sobre os potenciais inatos mediante a música, a dança e situações de encontro em grupo. As Vivências que se despertam

³⁷ A “ação do ecofatores” está relacionada aos “estímulos do ambiente” dos quais os mais potentes são os “ecofatores humanos”. Os ecofatores podem ser positivos ou negativos (Apostila Mecanismos de ação, p. 5).

mediante dita “estimulação dirigida” modificam as funções límbico-hipotalâmicas influenciando no comportamento e na percepção do mundo (IBIDEM, pp. 4-5).

Enfim, estas vivências, revitalizantes, em grande medida, possibilitam a restauração do humor endógeno e contribuem diretamente na manifestação da Identidade na direção do prazer de viver.

Por outro, nos Mecanismos de ação, estão previstos os chamados *exercícios de ação integrativa* e que, em função de seu propósito, são chamados de exercícios de Integração: Motora; Afetivo-Motora (afetividade); Sensitivo-Motora (sensibilidade), Sensório-Motora (ajustes do movimento aos estímulos musicais) (IBIDEM, p. 7).

Esses exercícios que contribuem no alinhamento do pensar, sentir e agir, isto é, na ativação da expansão de corporeidade, eles estão sustentados por categorias do movimento que têm destinos muito específicos para qual vivência e para qual música. Por isso, o *movimento* (dança), a *vivência* (encontro) e a *música* formam um **tripé** tão essencial para o Sistema Biodanza. Aliás, Ritmo, Potência, Graça, Leveza, Elasticidade e Ímpeto são as seis categorias de movimentos.

Depois dessa argumentação a respeito do movimento e considerando a música o meio intensificador para o encontro, uma questão que vem à tona é a de querer saber a respeito das cinco categorias de “potenciais humanos” e que, na práxis da Biodanza, são as chamadas linhas de vivência. Salienta-se que em um grupo iniciante, o planejamento se debruça predominantemente para as linhas de vivência: **Vitalidade, Criatividade e Afetividade**. A Sexualidade e a Transcendência são opções para grupo de aprofundamento.

Chama-se a atenção para complexidade qualitativa e quantitativa de um planejamento de aula que é um conjunto sequenciado desses tripés. Para esta concreção, é preciso

sensibilidade, poesia, afetividade, conhecimento, pragmatismo, técnica, mas, sobretudo, amor.

2.2. Encontros com abraços: uma vivência em Biodanza

Ao se debruçar no Sistema Biodanza, percebe-se o quanto ele sacraliza a **vida** na centralidade da existência, como elemento primordial para a integração de toda a Natureza, do micro ao macro, isto é, de si ao cosmo. Em particular, ele relembra a cada um da espécie humana a sua condição de animal racional e possuidor de instintos que precisam ser vivenciados de modo a facilitar a própria evolução pessoal e grupal, numa reciprocidade, de tal sorte que a identidade de cada um se fortaleça nesta relação.



1993. Silvério Augusto. RECONHECE-NOS. Técnica: acrílico sobre tela.
110 x 100 cm. RJ. (acervo de particular)

Outrossim, este sistema de integração e de desenvolvimento de potenciais humanos é mediado pela dança (movimento), pela música e pelos encontros (vivência); inicialmente, trazendo uma ativação celular que reverbera na Vitalidade. Em função da permissão interna do indivíduo e do nível de aprofundamento que o grupo esteja, a *afetividade* estará presente, também, por meio do contato físico intencional (carícia), contribuindo para uma vivência prazerosa. Daí a importância da progressividade.

Em vista disso, a proposta desta seção é tratar da aplicabilidade de todo este volume teórico-metodológico da Biodanza em **uma aula** que, para tantos, é entendido como um *poema vivo*, como uma ode ao amor à vida.

Assim, constituindo mais uma celebração da minha turma de formação, Turma IX, quero destacar a *vivência* que me coube facilitar na aula³⁸, construída conjuntamente a “trinta” mãos, com supervisão, para o Festival de Biodanza de 2017 na Fundação Progresso/RJ, e que nos foi posta como o rito de passagem pelas professoras, por ocasião do término da formação inicial da turma: *Encontros com abraços*. Esta vivência é uma verdadeira cerimônia do encontro que, no caso, estava depois de ter acontecido o exercício

³⁸ III FESTIVAL DE BIODANZA (2017), promovido pela ESCOLA DE BIODANZA DO RIO DE JANEIRO: FUNDIÇÃO PROGRESSO – RIO DE JANEIRO – RJ Temática do Festival: ACOLHER A DIVERSIDADE E CONFIAR NOS VÍNCULOS: UM CAMINHO PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL AULA VIVENCIAL (PLANEJAMENTO):

01 – RODA INICIAL (Roberta) Marea de Gente.

02 – GRUPOS DE AFINIDADES (Marina) Toda menina baiana (Gilberto Gil).

03 – GRUPOS DE 1, DE 2, DE 4, DE 8, DE 16, ... (Elzinea) Preto, Cor Preta (Jorge Aragão).

04 – RODAS DAS TRANSFORMAÇÕES (Sthefania) Caldeira (Milton Nascimento).

05 – CASTRO ALVES (Tereza) All Together now (Beatles).

06 – AGRADECER E ABRAÇAR (Hercília) Agradecer e abraçar (Maria Bethânia).

07 – SINCRONIZAÇÃO RÍTMICA MELÓDICA COM TROCAS (Luiza) Dream A Little Dream (Laura Fygi).

08 – FLUIDEZ LIVRE (Patrícia) Who can see It (George Harrison).

09 – POSIÇÃO GERATRIZ DE DAR/DAR-SE (Kátia) Ponteio (Waltel Branco).

10 – LEQUE CHINÊS (Brena) (1º exercício-chave): Bilitis (Sara Brightman).

11 – REDE AFETIVA (Laércio) (2º exercício-chave): Evening Falls (Enya).

12 – RODA DE EMBALO (Eugênio) Amor de índio.

13 – ENCONTROS com abraços (Silvério) Adivinha o quanto gosto de ti (André Sardet).

14 – ENCONTROS CORAÇÃO A CORAÇÃO (Felipe) Ponto de luz.

15 – ATIVAÇÃO EM PEQUENOS GRUPOS (Felipe) Bendita tu luz.

16 – RODA FINAL (Clarice) Um canto de afoxé para o Bloco Ilê (Caetano Veloso).

mais regressivo da aula (roda de embalo), o primeiro da fase final que é a ativação do grupo.

O *planejamento* de uma aula em grupo regular passa por um crivo didático e etapas como qualquer outra. No entanto, precisa-se definir a sua intencionalidade e o seu aprofundamento para que ele não seja um fator disruptivo em relação às aulas anteriores, frente à progressividade e às temáticas que são desenvolvidas para um conjunto de encontros semanais. Esta programação precisa estar muito bem-posta e alinhada com a necessidade do grupo, pois o propósito da Biodanza é estimular as memórias celulares desde os primeiros encontros³⁹ em prol da integração a que se propõe e em nome do processo de expansão da corporeidade.

Com raras exceções, salienta-se que a dinâmica da energia da aula se assemelha a uma senoide (a chamada “curva” da aula), de período completo, começando na sua região côncava, na parte ascendente. Esta primeira parte do encontro tem característica adrenérgica e ativa o sistema simpático. Ela se constitui a partir de músicas e de movimentos com ritmos até atingir um clímax para, a seguir, dar passagem a dois momentos: um, de transição rítmico-melódica e, outro, de suavidade melódica, estimulando o sistema parassimpático. Para esta “descida”, as músicas são escolhidas de sorte que o grau melódico de cada uma seja cada vez maior, possibilitando, no limite, um estado regressivo restaurador. A quarta etapa da aula é o chamado momento de ativação para que todos possam sair do encontro plenos de si.

Sugere-se quatro encontros seguidos aos que estão se dispondo conhecer a proposta metodológica, na prática, em um grupo regular, antes de decidir ficar ou desistir. Sem dúvida, este era o procedimento recomendado antes do afastamento social. Pois decidir frequentar um grupo regular é acenar para uma sensibilização do seu potencial humano (função da capacidade

³⁹ Na medida do possível, este trabalho, no que tange à aplicabilidade, está voltado aos grupos iniciais para a integração motora-lúdica e com entradas para a motora-afetiva, níveis que fizeram parte quando do meu estágio supervisionado.

afetiva e intelectual) na direção de um alinhamento do pensar, sentir e agir.

Ademais, faz parte da divulgação da Biodanza a realização de aulas abertas e pontuais para todos que queiram participar da roda. Por exemplo, a “nossa” referida aula foi uma delas, embora estivesse em um evento de fim de semana no qual foram vivenciadas várias propostas de aulas em diálogo com a temática do Festival.

Esses encontros pontuais “devem comunicar o sentido da ‘alegria de viver’ e o poder transformador de Biodanza, sem gerar apreensões”. Assim, são propostos alguns exercícios “de ritmo e harmonia de caráter estético e uma concepção nova da vida, mais criativa e afetiva” (Apostila Metodologia II: A Sessão de Biodanza, p. 4).

Por sua vez, o poder da palavra enquanto *consigna* para contextualizar um exercício a ser realizado em aula tem efeito ativador de consciência para o mergulho vivencial. Todavia, os seus elementos constitutivos precisam satisfazer a três perguntas: o que (nome do exercício), como (pauta motora) e para que (qual a finalidade da vivência, esclarecendo a importância da integração da emoção com a dança).

A proposta da vivência “Encontros com abraços”, no plural, da referida aula coletiva, é uma variação da proposta registrada em catálogo no CIMEB⁴⁰ (2012): *Encontro com abraço*, cuja consigna escrita tem a incumbência de servir de inspiração para os facilitadores:

As duas pessoas se aproximam progressivamente, se tomam pelas mãos olhando-se nos olhos e, a seguir, se abraçam. Ao se separar, após o Encontro, se afastam lentamente com um cumprimento delicado. A efetiva comunicação se realiza de forma progressiva por meio de gestos de aceitação e acolhimento. Estes sinais são transmitidos pelo olhar, pelo sorriso e no gesto de receber o outro (CIMEB, 2012, p. 70).

⁴⁰ Centro de Investigação de Músicas e Exercícios de Biodanza da INTERNATIONAL BIOCENTRIC FOUNDATION, Sistema Rolando Toro (SRT).

Em outras palavras, esse registro acima chama a atenção para a “condição básica” da vivência do encontro que é o “feedback” através daqueles referidos sinais que comunicam “gestos de aceitação e aproximação” ou não. “Pode acontecer que um dos participantes não esteja suficientemente preparado para receber afetivamente o outro”. Desse modo, é preciso ser sensível a “regra do feedback” pois evita uma aproximação indevida, isto é, uma *invasão*. De toda sorte, é bem explícito no Catálogo do CIMEB (2012) a importância para a progressividade deste exercício através de “diferentes formas preparatórias de pouco contato corporal” em aulas precedentes (IBIDEM, 2012, p.68).

A Biodanza privilegia um caráter ritualístico do encontro, tendo em vista a facilitação para “um aprendizado no âmbito afetivo que estimula o respeito, a reverência e a ternura para com os outros [...] estimula uma forma indiferenciada de afetividade, que tende a reduzir lentamente os comportamentos discriminatórios e preconceitos, abrindo-se assim um espaço afetivo de caráter universal” (IBIDEM, p.68).

Abaixo, é reproduzido a consigna por ocasião do Festival com grupo de pelo menos 100 pessoas “biodanzando”. Relembrando que, naquele momento, eles tinham acabado de vivenciar uma *roda de embalo*, abraçados pela cintura, em movimento coletivo de entrega, com olhos fechados e na parte mais regressiva da aula...

Encontros com abraços.

Dando continuidade a este momento, vamos dar um passo atrás e segurar as mãos dos companheiros que estão ao lado. Lentamente, vão abrindo os olhos, mantendo este estado de consciência em que se encontram.

O convite agora é celebrar o encontro com o outro. Celebrar porque é este encontro que nos permite materializar as nossas relações; nos permite satisfazer a nossa necessidade gregária além de nos possibilitar a aceitar a diferença do outro.

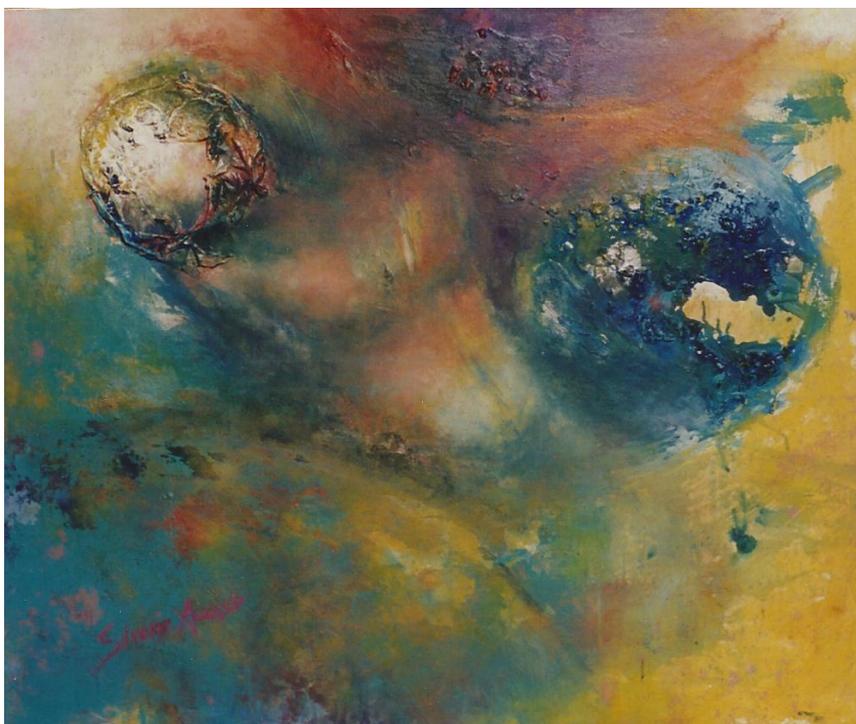
Por sermos da mesma espécie, somos todos iguais. E é a partir desta prerrogativa que podemos exercer o nosso direito à diferença, diante de toda a heterogeneidade que existe entre nós. Somos únicos dentro

da espécie humana e, ao sermos respeitados como somos, por nós e pelo outro, certamente fortalecemos a nossa identidade.

Assim, o convite é construir este encontro através do olhar e da aproximação.

Modelo inspirador do como vivenciar (facilitador pede ajuda a um(a) companheiro(a) da turma IX):

Primeiro, demonstrar falando e sem música; depois vivenciar o exercício com música. Falar da comunicação do olhar e dos gestos de receber o outro, pois eles expressam como esse encontro vai acontecer, se culminará com um abraço ou ficará no encontro de mãos. Ainda, a despedida é lenta e com gestos delicados para, em seguida, **buscar novos encontros**; Depois do modelo, convidar o grupo para fechar os olhos e começar a vivência. Pede a música, leva quem ajudou de volta ao grupo, agradece e sai da roda.



1993. Silvério Augusto. CONSCIÊNCIA EM EXPANSÃO II. Técnica: colagem, ast . 100 x 120 cm. RJ (acervo)

2.3. Três relatos a partir de encontros com a Biodanza em espaços escolares

Salienta-se que a partir dos encontros promovidos pelo autor entre 2017 e 2019 e sob supervisão, foram coletados depoimentos de pessoas que tiveram a oportunidade de ter um primeiro contato com a Biodanza, quer seja em aula pontual ou em grupo regular (estágio supervisionado ao longo de 2019).

Seguem três registros da referida coleta com alteração dos nomes para preservar as identidades das pessoas. O primeiro, foi o da Inês, com uma experiência semanal ao longo de 9 meses; a seguir, um registro da Isabel que escreveu pelo grupo de graduandas/os que participou de um Seminário no chão de uma Escola Pública em 2017; e, por último, o da Maria Luísa, que teve duas oportunidades dentro da Faculdade de Educação em 2019.

Depoimento 1

Um dia, ouvi um burburinho de uma tal oficina de Biodanza entre os professores, como sempre fui metida a fazer tudo, me interessei pelo assunto. Lá fui eu em roda dançar, cheguei um pouco atrasada e peguei o bonde já avançado, o pouco que participei foi bastante prazeroso. Decidi, quero saber o que é essa tal de Biodanza. Lá fui para mais um aprendizado.

Com isso já se vão 5 meses e posso dizer que já sinto diferença sem saber exatamente o porquê, mas sinto. As pessoas me questionam, “Você está tão bem”, “Inês, o que houve, está calma”. Será que já são os reflexos?

Confesso que entrei para aprender a relaxar, sentir, tocar e ser tocada de forma mais natural. Venho aprendendo a dar asas a minha espontaneidade, sentir o som de uma música invadir o meu corpo e me fazer até respirar melhor, andar melhor, sentir melhor. Em algumas vivências a emoção aflora e deixo vir lágrimas, sem vergonha ou medo de me expor.

Momentos únicos vividos em grupo ou no individual, conhecimento de um corpo que está comigo a 51 anos e eu, pasme, não conhecia.

Enfim, tem sido uma experiência única que não sei onde irá chegar, mas eu quero ir para onde ela me levar...

Inês

Depoimento 2

No decorrer do Encontro, o momento mais aguardado era o momento próximo ao encerramento, onde a atividade proposta era algo novo para nós, e justamente por conta disso, estávamos apreensivos. Afinal, o que seria a Biodanza? O que seria proposto a nós? De que maneira iríamos realizar tal atividade? Inúmeras foram as indagações, suposições e tentativas de desculpas para não termos que “encarar” a tão esperada Biodanza.

No momento em que foi feita a pausa para o almoço, fomos tentando elaborar movimentos e estratégias para que, quando retornássemos, pudéssemos escapar da última atividade. Afinal, o desconhecido nos coloca em posição de defesa, logo, objetivávamos chegar munidos de desculpas e justificativas para que tivéssemos a segurança de assistir a todo o acontecimento da aula de Biodanza afastados, longe de todos os acontecimentos, ilhados em nossas “seguranças” e certezas que confrontavam o incerto.

Contudo, ao chegarmos no auditório, entre conversas com risos de nervoso e ansiedade e olhares furtivos para tentar desmistificar o que iria acontecer em seguida, fomos nos acalmando aos poucos, deixando nossos muros criarem fendas e deixando a ideia da participação da atividade chegar mais próximo a nós. Com a chegada do resto do grupo, as primeiras instruções foram passadas “pés descalços e deixem a música levar vocês”, e nesse momento, ao ver nossos professores sem sapatos, animados e excitados com a atividade que estava sendo iniciada, nos sentimos mais relaxados, calmos e com vontade de participar, afinal, não é todo dia que acontecem momentos como esse.

Ao longo da aula, não existia mais vergonha, o medo do desconhecido passava a ser parte dos nossos movimentos em acompanhamento com a música, era possível ouvir risadas, ver sorrisos, e ouvir nosso corpo tendo voz através de nossos movimentos. Não se sabia mais onde estavam as fortalezas que nós

háviamos pensado estrategicamente para evitar esse acontecimento, não sentíamos mais a vontade de ver tudo de longe, sem participação ativa. Ao contrário, passamos a não querer mais que o tempo passasse levando a aula ao fim.

Foi uma experiência muito prazerosa, tida como a melhor atividade proposta no Encontro, a ponto de ter sido sugerida ao Prof. Silvério que levasse essa aula para dentro das salas da UFF, como momento anterior ou posterior a aula da disciplina de Supervisão Educacional. Fomos surpreendidos pelo desconhecido e nos vimos imersos a ele da melhor forma possível, soltos, felizes e sem querer perceber que o tempo passava.

Isabel

Depoimento 3

A experiência da Biodanza, eu quis falar logo quando aconteceu, mas não o fiz, e acho que não me arrependo disto pois tive outras reflexões pessoais que creio que tenham culminado para uma melhor percepção sobre as duas aulas.

Quando foi dito que a Biodanza não era meramente ludicidade, me coloquei a pensar: que aspectos seriam estes, que iam transcender o aparente "relaxamento", "brincadeira"? Esta questão, especialmente, me intrigou. Assim como identificar os padrões que fazem uma canção ser apta ou não para a Biodanza: dúvidas que só o tempo e o estudo dirão... mas admito que tenho reparado mais nas músicas que escuto, intuitivamente.

Sempre tive dificuldade com expressões humanas que não tivessem relação com a lógica, pois mesmo nas artes há métrica, estudo de proporções, ou mesmo a matemática, por exemplo. Sempre me foi difícil aproximar com formas de expressão que fossem socialmente relacionadas, diante do senso comum e preconceitos socialmente aceitos, com o que se chama de "new age", eu achava que podia ter um pé no charlatanismo e pseudociências, ou seja, tinha um preconceito polarizador... Depois fui perceber que a ciência não é a única intenção humana, e que o grande problema por mim atacado era a falsa ciência, e não o que nunca se colocou enquanto ciência.

Desde que a Estela falou "Biodanza", eu fui pesquisar e me surpreendi com o que encontrei, ansiosa para as aulas do fim do semestre. Creio que para tentar explicar minha experiência, preciso mencionar que eu mudei meu tema de monografia, estou estudando as ideias educacionais dos Transcendentalistas, especialmente Alcott e Thoreau. Isto me ajudou a ver a ruptura com uma única episteme enquanto algo válido, me fez voltar à lembrança da Biodanza, por mais que por hora eu não saiba como articular conceitualmente de forma acurada. Creio que a Biodanza tenha me aberto ao transcendentalismo e vice versa, ao menos como um "quebrar de gelo" inicial. Fiquei feliz de ambas experiências se conectarem e me fazerem repensar a vida, e também grata pela possibilidade de participar e pela vivência em si. Espero poder praticar, pois este acontecimento me significou muito enquanto ser humano em desenvolvimento...

Maria Luísa

Não é propósito, aqui, se debruçar analiticamente aos depoimentos, porém, não é plausível deixar de evidenciar o processo de ampliação na corporeidade no primeiro depoimento; e um quê de *ruptura* e de *expansão* de consciência atravessada nos depoimentos 2 e 3 (aulas isoladas). Como bem disse Rolando Toro no vídeo "Biodanza, a poética do encontro humano" (link no rodapé 34), a "aula é um rito de transmutação". E é na regularidade desses encontros que se caminha em direção a uma expansão de corporeidade que desvela a consciência de si, do outro e do seu entorno, trazendo a vida para o centro: Princípio Biocêntrico.

2.4. BIODANZA: *Ars Magna* e Ação Social

Rolando Toro bebeu em muitas fontes de variadas epistemologias: fontes do ocidente, do oriente, dos saberes das *epistemologias do sul*. Foi um visionário e que, através de sua concepção biocêntrica, conseguiu perceber as interconexões de tudo que existe, do micro ao macro, subtraindo o ser humano do centro do universo para focar a **vida** (*bio*) neste espaço central.

Contudo, para que isto aconteça, as relações entre os seres vivos precisam ser amplamente modificadas, tendo em mente a preservação da vida na sua essência. Em particular, os seres humanos precisam estabelecer sociabilidades que sejam *inclusivas* pelo respeito aos indivíduos e aos coletivos na sua necessidade e na diversidade.



2002. Silvério Augusto. NAVE. Técnica: pigmento; ast. 100 x 130 cm. RJ
(acervo de particular)

Todavia, a dimensão consciencial, na qual a humanidade se encontra pertence a um estado de transição paradigmática tendo em vista que o *antropocentrismo* ainda sobrevive. Em larga medida, esta sobrevive se dá através da hegemonia política, econômica e social do grande capital materializado pelo sistema econômico vigente; pela mentalidade de longa duração do patriarcado e das relações de poder; pela ordem classista de uma sociedade fragmentada, desigual, meritocrática, racista, homofóbica etc.

A visão biocêntrica, pelo seu turno, vem se concretizando pela necessidade de preservar a espécie humana (na sua igualdade e diferença), os entes vivos e a própria natureza como um sistema vivo e pulsante - GAIA. Sem dúvida, os movimentos ecológicos e sociais, sobretudo, vêm contribuindo na realização desse paradigma instituinte; porém, cabe salientar que esses movimentos precisam se precaver da presença dos ranços antropocêntricos, já que estes tendem a embotar a plenitude de uma coletividade mediada pela vida. Ressalta-se que a necessidade desta autocrítica procede, porque o indivíduo contemporâneo foi constituído sob a égide do antropocentrismo.

Pelo seu turno, a Biodanza, por ter muito a contribuir com o processo de cura individual e coletiva, os sujeitos de sua Comunidade carecem de atenção ao compromisso ético de otimizar suas contribuições para o referido paradigma surgente. De fato, este corpo prático-teórico pode contribuir positivamente com uma expansão que compromete o pensar, o sentir e o agir do indivíduo em prol da vida. Ademais, ao convidar para o despertar de si e para o encontro com o outro, possibilita uma sensibilidade para o afloramento do instinto gregário e do sentimento de alteridade. E, para além dessa relação binária, esse convite se estende para a percepção e integração com o todo, atingindo o próprio Cosmo.

Em suma, “se Biodanza nos conduz à Arte de Viver, nos convida para a grande dança cósmica, seus recursos são também universais: ritmo e harmonia musical, movimento orgânico, criação e encontro amoroso. Biodanza é a *Ars Magna*, a arte suprema que nos conduz à saúde como expressão da ordem cósmica”. (Apostila Biodanza: *Ars Magna*, p. 04).

Dentro da mesma perspectiva da Análise Transacional, de que se investe no núcleo saudável do indivíduo, a Biodanza

trabalha com a parte sã dos participantes, com seus esboços de criatividade, com seus restos de entusiasmo, com sua oprimida necessidade de amor, com suas ocultas capacidades expressivas, com sua sinceridade [...] Se é possível fazer crescer a parte luminosa

e saudável de um enfermo, a parte escura (os sintomas) tende a desaparecer. Frente às queixas do aluno, à sua depressão e à sua angústia, o professor de Biodanza evitará comentários e interpretações e o convidará cordialmente a dançar. (IBIDEM, p. 04).

De fato, a grande arte de viver, que está relacionada com a arte de ser saudável, de perceber-se, de viver no aqui e agora, de viver em plenitude, precisa estar junto à arte da cura que tem a sua ancestralidade. Pois, ao se querer manter a vida saudável, é preciso buscar o conhecimento sobre as doenças; saber o que elas significam e o que se faz para ficar doente.

Toro não se colocava em uma postura romântica quando denunciava o olhar fragmentado na fria relação de poder médico-paciente. A sua crítica envolvia a necessidade de uma visão holística para compreender o indivíduo na sua totalidade. Ao se debruçar na sintomatologia das doenças, ele vai associá-las a determinados exercícios vivenciais proposto pela Biodanza, que, por ter um enfoque “essencialmente pedagógico” vai atuar no “desenvolvimento das potencialidades humanas”. Sua abordagem tem uma “linguagem científica e poética”. (IBIDEM, p.34-35).

É bom lembrar que a busca de uma vida saudável não pode ser numa perspectiva individualista e meritocrática, pois assim se esvazia o sentido *inclusivo* do Princípio Biocêntrico. A caminhada é complexa, pois precisa ser de todos os entes vivos. Entretanto, em particular, não é possível se encurralar diante das desigualdades de condições e oportunidades entre pessoas de uma civilização que está doente. Pois, com o despertar de si, em um contexto de expansão de corporeidade, o sujeito tem condição de solidarizar-se com o outro e com as relações de seu entorno, oportunizando a sua contribuição no processo de equilíbrio sistêmico da civilização, mesmo que em âmbito local.

Esta situação se aproxima da maneira como é resolvida o paradoxo da implementação do ideário educacional libertário que tem como categorias o *antiautoritarismo* nas relações sociais e a *liberdade* (a ser conquistada pelo respeito à liberdade do outro), a

autonomia e a *emancipação* do sujeito em formação. Pois, não se pode esperar uma sociedade sem hierarquia (sociedade anarquista) para que venha ser implementado esse ideário educacional. É preciso atuar *a priori*, inclusive, para contribuir na materialização desta utopia possível.

RT provoca a Comunidade da Biodanza para a ação social, para a contribuição do processo evolutivo da civilização. Por exemplo, na Declaração de Petrópolis⁴¹ (TORO, 1989), a nona e última tarefa delegada para os envolvidos na Biodanza está relacionada aos Direitos Humanos: “os alunos de Biodanza desenvolverão a consciência dos Direitos Humanos. Serão firmes contra a discriminação racial, sexual ou econômica. Participarão dos movimentos da Anistia Internacional e dos programas pela Paz Mundial. A participação no trabalho social, na luta contra a pobreza, será parte de sua Formação Docente” (TORO, 1989 apud TORO, 1991).

Contudo, o criador da Biodanza tem uma outra perspectiva de compreender a transformação social. Ele afirma que “a patologia de nossa cultura insiste, através de seus meios de comunicação e suas instituições, no desenvolvimento de atitudes de segregação, rejeição, agressão e exploração de outras pessoas [isto é] a cultura está estruturada sobre um esquema de poder [...]” (Apostila Ação Política e Social, p. 2). Dito posto, a mudança precisaria sair desse “esquema de vida agonístico”, tensionado pelas relações de poder, para

transformá-lo, progressivamente, em um estilo de vida hedonista ou, pelo menos, introduzir no esquema agonístico o elemento fundamental, capaz de diminuir a tensão inter-humana: o contato, a carícia, a função lúcida de brindar continente ao outro. Esta mudança não pode ser só ideológica. Mas de ativar os núcleos inatos, biológicos, instintivos e emocionais do contato corporal. A transformação social, portanto, vista a partir da Biodanza,

⁴¹ Discurso proferido por Rolando Toro na Abertura do I Encontro Latino-Americano de Professores de Biodanza, em Petrópolis/RJ (1989), em Teoria da Biodanza: Coletânea de textos (Tomo I, II -1991).

compreenderia, por uma parte, na ativação hipotalâmica das vivências de contato e afetividade e, por outra, a dissolução de tabus sexuais, políticos, religiosos e psiquiátricos. (IBIDEM, p. 3).

Em resumo, a necessidade de renovar os valores culturais a partir do foco na vida pelo Princípio Biocêntrico, colapsa a centralidade da sociologia de natureza antropocêntrica. Toro afirma que “a dimensão sociológica de Biodanza se inicia em um comovedor e profundo sentimento de fraternidade e não em uma ideologia humanista”. (IBIDEM, p. 2)

Com efeito, as ideologias humanistas às quais RT se refere, certamente, são aquelas que valorizam o homem acima de tudo, secundarizando a **vida** em múltiplos aspectos. Por outro lado, é preciso se questionar de onde os indivíduos da Biodanza percebem a realidade, pois assumir o Princípio Biocêntrico como postura de vida em um espaço de convivência com paradigmas diferentes é uma postura política. E, se se tem uma postura política, existe uma ideologia envolvida. Resta saber qual é a característica desta ideologia.

Rolando Toro, ao afirmar o Princípio Biocêntrico, ele estava se posicionando politicamente contrário a um sistema de crença da sociedade e propondo uma inversão epistemológica. Focar a saúde e o *bem viver*, através da ruptura do antropocentrismo é uma radicalização política. Mas, para tal, é preciso coerência com a episteme envolvida.

Neste sentido, no próximo capítulo, se terá a oportunidade de refletir a centralidade da vida em diálogo com o conceito transacional de Adulto integrado nas sociabilidades contemporâneas.

3. BIODANZA E ANÁLISE TRANSACIONAL: um diálogo profícuo à guisa das considerações finais

A parte derradeira dessa escrita intenciona não somente ratificar as aproximações e a complementaridade entre as duas formações vividas pelo autor, mas também deixar pistas para estudos vindouros. Por outro, a estrutura deste breve memorial contempla, além da escrita, a narrativa imagética descrita por uma exposição de imagens de variadas épocas. Elas são transbordamentos das subjetividades construídas com a adesão daqueles processos de aprendizagens. É uma apresentação não linear e de outra ordem.

São trabalhos em acrílico sobre tela, utilizando pigmentos e texturas variadas para expressar em criatividade e técnica a permissão interna em se assumir artista. E isto, tanto a Análise Transacional, quanto a Biodanza contribuíram para esta *Criança interna* se libertar dos grilhões. Mas, se houve essa libertação é porque aconteceu algum mecanismo interno em prol daquela permissão (oriunda do EE Pai). Assim sendo, a integração desses diálogos dos estados de Ego (na AT) pode, em larga medida, estar se tratando do processo de auto despertar (na Biodanza) enquanto expansão da corporeidade.

Pelo seu turno, a *poética do encontro humano* acontece, na essência, a partir de sujeitos cômicos de si capazes de sentir, de se permitirem e de avaliarem as reais chances de aproximação do outro – isto significa a apropriação do conceito de Adulto integrado da AT.

Neste sentido, é possível assim dizer em uma análise estrutural de 2ª ordem, que o estado de Ego *Adulto* pode conter sensibilidade capaz de experimentar sentimento de solidariedade e aspectos éticos na sua construção comportamental. Em suma, os

três elementos estruturais psíquicos⁴² precisariam estar representados nesse Estado de Ego para que ele pudesse ser tratado de **Adulto integrado**, aos quais Berne relacionou respectivamente aos *pathos*, *tecnos* e *ethos*.

A não existência de um *Adulto integrado*, implica em alguns tipos de irregularidades psicológicas no sujeito. Por um lado, a exacerbação do *tecnos*, em detrimento dos demais irá caracterizar uma ação comportamental extremamente racional, desprovida de tonalidades humanitárias e/ou parâmetros éticos – *fenômeno da exclusão intrapsíquica*, segundo o autor. Por outro lado, a potência do Estado de Ego *Adulto* é também debilitada quando elementos preconcebidos do exteropsiquê (sistema de valor e tradição a serem revistas, julgamentos autocráticos) e/ou fenômenos infantis (ilusões, fantasias, triunfo maligno, disfarces emocionais) do arqueopsiquê influenciam na dinâmica interna do sujeito, contaminando o seu sentido de realidade, e, portando, reduzindo a visão integral de suas relações sociais.

Conquistar esse *Adulto integrado*, por sua vez, é o grande convite que a AT faz ao indivíduo de modo geral e, em particular, ao professor, que precisa ter uma competência comunicativa com os seus cursistas a partir do respeito mútuo⁴³. A estética que embasa essa competência nos leva a refletir o binômio indivíduo-sociedade, relação esta, bastante elucidada pelo ideário libertário.

O cerne da “moral anarquista⁴⁴” discutida por Kropotkin (2009) se encontra no princípio da igualdade, na reciprocidade de igual

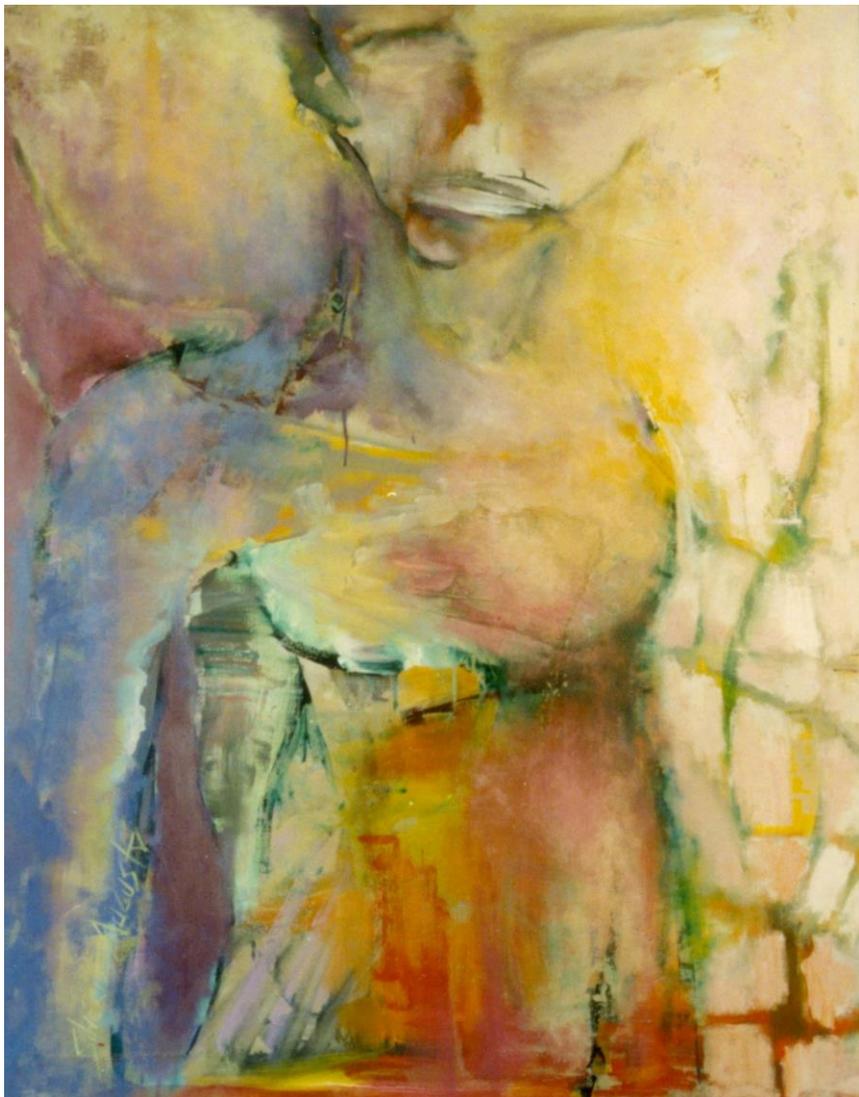
⁴² arqueopsiquê, neopsiquê e exteropsiquê.

⁴³ A carência de respeito mútuo entre indivíduos de classes sociais iguais ou diferentes é consequência de uma alienação dos valores humanos; os processos de comunicação pelos quais este desrespeito acontece advém dos jogos psicológicos e dos de poder, nos quais há um interesse oculto e não verbalizado de seduzir ou manipular.

⁴⁴ Publicado em 1897, esse tema apresenta “a concepção anarquista de moralidade”. Escrito por Pietr Kropotkin na maturidade e faz parte de seu esforço teórico na “fundamentação dos grandes ideais e projetos anarquistas – defesa da justiça e da igualdade”.

tratamento entre os indivíduos em um ambiente socioeconômico compatível com as necessidades humanas e individuais. Por conseguinte, a *subjetividade anarquista* precisa ser construída também na relação entre indivíduo e coletividade, na interdependência entre o *individualismo* e a *solidariedade*. (SOUZA, 2013, p. 86).

Nessa integração entre individualismo e a solidariedade, é possível ampliar não somente a consciência de si e do outro, mas de toda a totalidade. É quando se rompe a divisão entre o indivíduo e a Natureza e eles ressurgem único. O sentimento desse sujeito em processo de ampliação de consciência é que ele é também a Natureza e, desse modo, é possível uma compreensão do que é o *bem viver*. Sem dúvida, nesta caminhada, em algum momento o terreno vai se tornando mais abstrato e com uma leve brisa utópica. Mas é preciso lembrar do Eduardo Galeano, quando ele trata da utopia (possível) sendo a razão para dar continuidade a travessia que está posta. A dimensão que se está tratando neste *aqui e agora* transcende a realidade – essa realidade cruel. É por isso que a arte e a poesia sobrevivem!



1999. Silvério Augusto. ZETA. Técnica: pigmento, ast. 140 x 110 cm. RJ.
(acervo de particular)

Mas nem tudo é abstração, várias metodologias estão postas para contribuir na efetivação do paradigma que sustenta a sacralidade da vida. E para cada indivíduo que se modifica, para cada coletivo que se solidariza, a relação entre eles tende a mudar.

Sendo assim, o processo pela Biodanza de conscientização de si, do outro e do entorno evidencia o desejo de viver e o de respeitar a vida de todos os organismos vivos.

Krenak (2022) traz uma esclarecedora contribuição ao procurar expor a limitação do bem-estar em oposição ao *bem viver*. Ele, como liderança dos povos originários, pode muito bem representá-los nesta seguinte concepção:

o bem-estar está apoiado em uma ideia de que a natureza está aqui para nós a consumirmos. Mesmo que a gente faça de maneira consciente e cuidadosa, mas tem um fundamento, uma ontologia, que sugere que nós humanos somos separados dessa entidade, que é a natureza, e que a gente pode incidir sobre ela e tirar pedaços dela [...] Mesmo quando utilizamos a ciência e a tecnologia, o propósito é aumentar a capacidade de exaurir esse organismo [...] para o bem-estar humano, a gente pode consumir a Terra. (KRENAK, 2022, pp. 13-14)

Percebe-se que nesta situação o que existe é a dessacralização da vida. Na contrapartida do bem-estar, o *bem viver* é compreendido a partir de que o

ser humano [é] subordinado a uma ecologia planetária [...] assim como todos os outros seres, ele está dentro dessa ecologia ou dessa vasta biosfera do Planeta como um elemento de equilíbrio e regulador [...] não é você incidir sobre o corpo da Terra, mas é você estar equalizado com o corpo da Terra, viver, com inteligência, nesse organismo que também é inteligente, fazendo essa dança, que já me referi a ela como uma dança cósmica [...] O Bem Viver não é distribuição de riqueza. Bem Viver é abundância que a Terra proporciona como expressão mesmo da vida. (KRENAK, 2022, pp. 16-17)

RT também se refere a uma dança cósmica quando convida as pessoas a dançarem a vida. Em grande medida, o convite do Krenak (2022, p. 20) para uma educação que pudesse “ajudar a

criar e construir seres humanos para uma Terra viva [isto é] Seres vivos para uma terra viva”, Rolando Toro aceitaria; a rigor, ele já aceitou ao criar a Biodanza! Que indivíduo e que contemporaneidade será preciso construir para se pertencer a Gaia? Quanto tempo mais de luta?

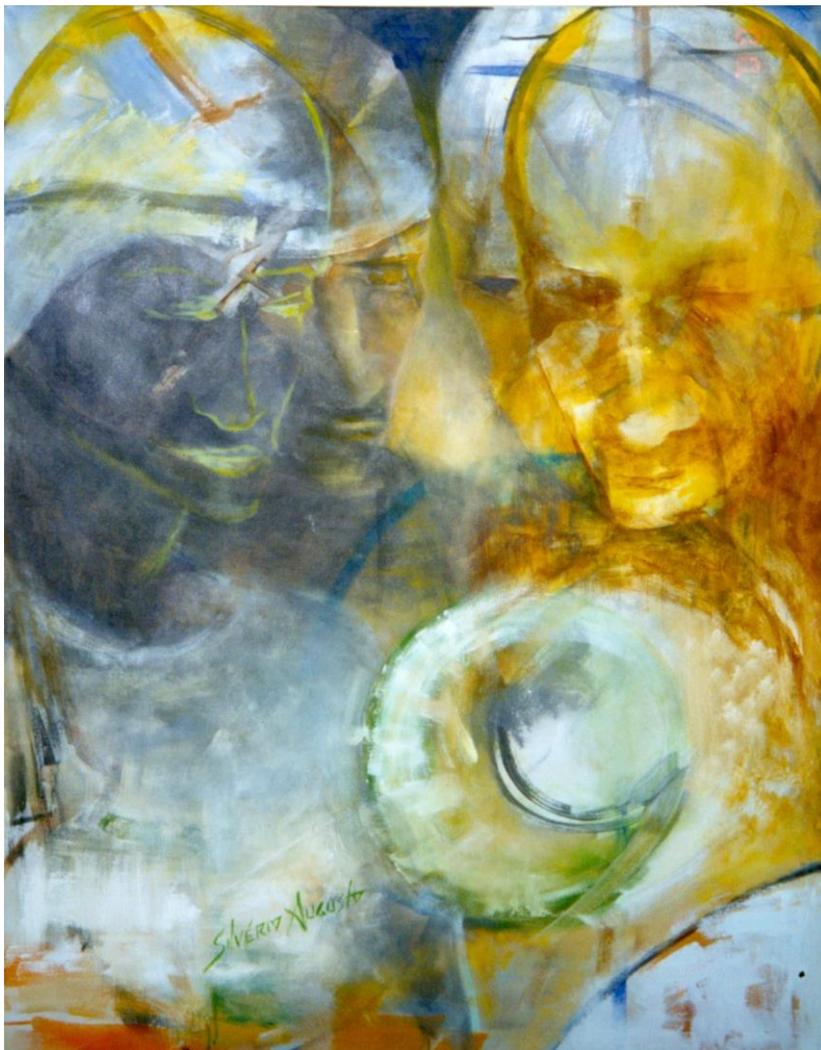
Entretanto, a concepção de Educação ao se tratar do projeto hegemônico é compatibilizar-se com a docilização de corpos e mentes (em processo de individualismo exacerbado pela meritocracia classista) e valores coloniais ainda não superados (para compor uma sociedade submissa e alienada) no sentido de formar indivíduos capazes de venderem a sua força de trabalho barata e se submeterem calados. E, como diz Foucault (1987, p. 26), é o aprisionamento a um sistema de sujeição na qual a própria “necessidade se torna um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado”. Essa lógica disciplinar

dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma ‘aptidão’, uma capacidade’ que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão e uma dominação acentuada. (Foucault. 1987, p.119).

É fato que os corpos estão adoecidos e adoeceram mais ainda naquele período de afastamento social e de pandemia. Se por um lado, é preciso investir nesse despertar de consciência que se dá na integração do indivíduo e no fortalecimento de sua identidade; por outro, os desafios estão postos pela luta de frações sociais em querer manter privilégios e não assumir responsabilidades. Certamente, ao conceito de *biopoder* discutido pelo Foucault, faz-se necessário acrescentar as políticas de morte denunciadas ao se tratar das necropolíticas. Contudo, a vida precisa prevalecer e a civilização contemporânea, ter bom senso.

A existência humana vive numa pluralidade de matizes entre o individualismo exacerbado e a sacralidade da vida. É preciso que cada um/uma possa contribuir na direção desse despertar, que no limite, é coletivo. Talvez uma boa pista seja a utilização da *progressividade*.

Acredito no mistério da vida.



2000. Silvério Augusto. Saara. Técnica: pigmento, ast. 140 x 110 cm. RJ
(acervo de particular)

REFERÊNCIAS

- BERNE, Eric. **Intuição e Estados de Ego**. Apostila datilografada xerocada (material didático da Formação de certificação em Análise Transacional (1992-1997)⁴⁵;
- _____. **Análise Transacional em Psicoterapia**. Tradução de Lúcia Helena Cavasin Zabotto. São Paulo/SP: SUMMUS Editorial Ltda, s/d;
- _____. **Os jogos da vida**. Tradução de E. Artens. Rio de Janeiro/RJ: Artenova S.A., 1977;
- CARACUSHANSKY, Sophia Rozzanna. Curso Avançado de Análise Transacional de Base Psicanalítica. São Paulo/SP: Assertiva, s/d;
- CAVALCANTE, Ruth; GÓIS, Cezar Wagner. **Educação Biocêntrica: Ciência, Arte, Mística, Amor e Transformação**. Fortaleza/CE: Expressão Gráfica e Editora, 2015;
- CIMEB. **Centro de Investigação de Músicas e Exercícios de Biodanza** da INTERNATIONAL BIOCENTRIC FOUNDATION, Sistema Rolando Toro (SRT), 2012;
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis/RJ: Vozes, 1987;
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 1987;
- KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do BEM VIVER**. Organização Bruno Maia. E-book. Disponível in <https://www.biodiversidadla.org/Recomendamos/Caminhos-para-a-cultura-do-Bem-Viver> . Acesso em 30/jun/2022;
- KROPOTKIN, Piotr. **A moral anarquista**. Tradução, Notas e Prefácio José Luis de Sousa Pérez. Lisboa, Portugal: Sílabo, 2009. (Coleção Sophia);

⁴⁵ Existe livro com este material. Segue a referência bibliográfica: BERNE, Eric. **INTUIÇÃO e Estados de Ego**. UNAT - União Nacional dos Analistas Transacionais. 1992.

MBEMBE, Achille. **NECROPOLÍTICA**. n-1 edições, 2018;

OLIVEIRA, Marco Antônio G. **Reflexões sobre Eric Berne**. Porto Alegre. IDORT/CIP, 1980;

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. 1ª edição. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2019;

Prêmios Eric Berne⁴⁶. De 1971 a 1982. UNAT - União Nacional dos Analistas Transacionais. s/d;

SARPE, Antônio. Programa Antônio Sarpe para a criação e manutenção de grupos regulares. Edição de autor. \Impressão: Finepaper Lda, Lisboa, 2017;

SOUZA, Silvério A. M. S. **As novas faces da dualidade educacional na contemporaneidade e o ideário educacional anarquista**. 2013. 255 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013;

STEINER, Claude. **Os papéis que vivemos na vida**. Tradução de George Schlessinger. Rio de Janeiro/RJ: Artenova, s/d;

TORO, Rolando. **Teoria da Biodanza: Coletânea de Textos**. Tomos I, II. Organização e Edição: Associação Latinoamericana de Biodanza – ALAB,1991:
postila Ação Política e Social;
Apostila Biodanza: Ars Magna;
Apostila Inconsciente Vital e Princípio Biocêntrico;
Apostila Mecanismos de ação;
Apostila Metodologia II: A Sessão de Biodanza;

_____. BIODANZA. Colaboração para esta Edição: Escola de Biodanza Rolando Toro das cidades: Rio de Janeiro, Pelotas e Curitiba. São Paulo: Olavobrás. Coedição com: Escola Paulista de Biodanza. 2002.

⁴⁶ Esta publicação traz os artigos premiados, anualmente, de 1971 até 1982. As premiações continuaram após duas décadas seguintes.

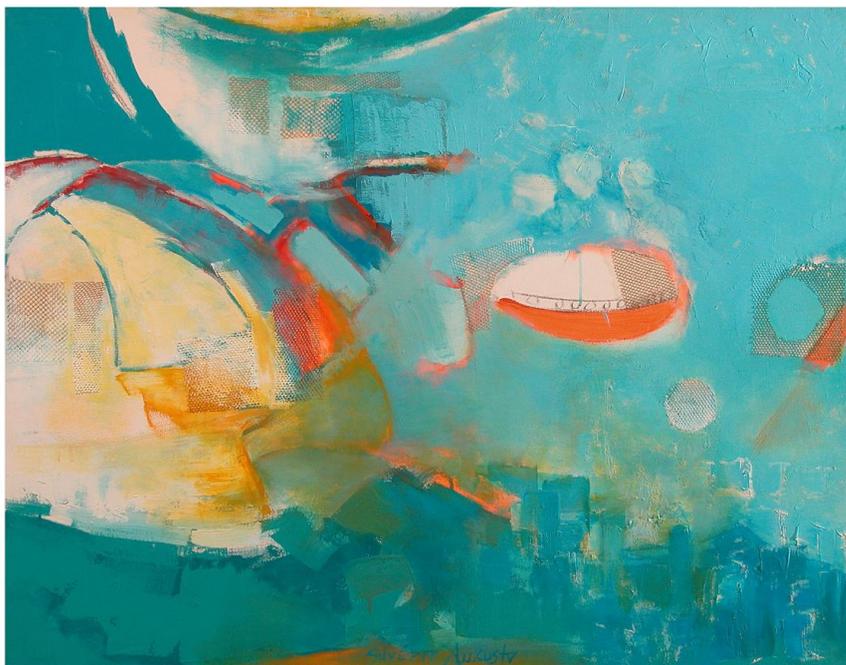
ANEXO

PORTFÓLIO SILVÉRIO AUGUSTO



Conjunto de cinco obras
(pigmento, ast e colagem) :

NAVE II . 130 x 140 cm. Rio, 2002
NAVE II-b . 100 x 150 cm. Rio, 2003
NAVE II-c . 110 x 100 cm. Rio, 2003
NAVE II-d . 80 x 80 cm. Rio, 2003
NAVE II-e . 90 x 75 cm. Rio, 2003
(começando da direita, sentido horário)



NAVE III
(pigmento, ast e colagem. 100 x 130 cm. Rio, 2002)



ROTAS
(pigmento, ast e colagem. Ø 130 cm. Rio, 2003)



ELEMENTOS DE ROTA (díptico)
(pigmento, ast e colagem. 110 x 200 cm. Rio, 2003)



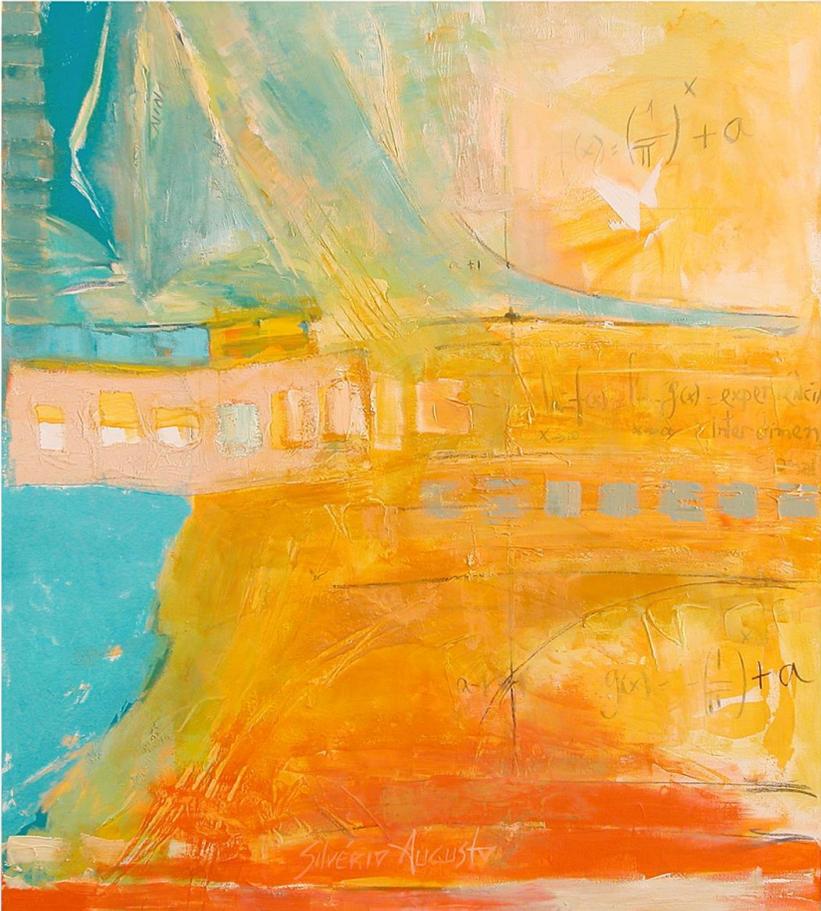
ALDEIA CÓSMICA
(pigmento, ast e colagem. 150 x 300 cm. Rio, 1996)



ALDEIA CÓSMICA II
(pigmento, ast e colagem. 100 x 200 cm. Rio, 2003)



NEOCENTRISMO
(pigmento, ast e colagem. 110 x 100 cm. Rio, 2003)



NEOCENTRISMO II
(pigmento, ast e colagem . 110 x 100 cm . Rio, 2003)



DETALHE DA EXPOSIÇÃO NAVE
CASA DE CULTURA LAURA ALVIM
RIO DE JANEIRO - RJ – 2003

SOBRE O AUTOR

Silvério Augusto Moura Soares de Souza

Doutor em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH/UERJ).
Professor Adjunto III pela Universidade Federal Fluminense (UFF).
Coordenador do Curso de Pós *Lato Sensu* Educação, Trabalho e
Cultura Profissional: Multidimensionalidade da Práxis Docente.
Pesquisador do Núcleo de Articulação do Trabalho Educativo
(NUARTTE)

Nessa integração entre o individualismo e a solidariedade, é possível ampliar não somente a consciência de si e do outro, mas de toda a totalidade. É quando se rompe a divisão entre o indivíduo e a Natureza e eles ressurgem único. O sentimento desse sujeito em processo de ampliação de consciência é que ele é também a Natureza e, desse modo, é possível uma compreensão do que é o bem viver.

